

A terceira idade

ANO 3 - N.3



 **SESC**
SÃO PAULO

EDITORIAL

n:3 - dezembro/90

Neste fim de século, muitos são os problemas enfrentados pela humanidade. Flagelos como a fome, as guerras, o desamparo de milhões de crianças, os cataclismas da natureza e as convulsões sociais de diversas origens desafiam os governos de todo o mundo.

Dentro de tão difícil contexto e, ironicamente, como consequência do desenvolvimento da ciência, assistimos à emergência de um novo problema da sociedade: o considerável aumento da população idosa, sem que estejamos preparados para lidar com este fenômeno.

Nosso objetivo, com esta publicação, é fornecer subsídios teóricos, relatar experiências e colher depoimentos, no sentido de municiar os técnicos e instituições para realizar ações em favor da terceira idade e estimular os próprios idosos a olhar em frente, rumo ao seu destino, à sua realização como seres humanos.

A esperança faz parte do futuro. Ela é também um componente da velhice, não enquanto promessa de imortalidade ou de juventude revivida, não enquanto garantia de uma reversão das leis da natureza, mas uma esperança que represente uma busca constante do desafio de ser verdadeiro em cada fase da existência.

Mais que qualquer outro, pelo seu passado de luta, o idoso tem direito a esperar mais da sociedade e da vida.

ARTIGOS

- 4 A MULHER IDOSA E A SOCIEDADE
Maria José Lima Carvalho Rocha Barroso
- 12 VIDA E MORTE NA EXISTÊNCIA HUMANA
SEGUNDO UMA VISÃO CRISTÃ
M. Angela V. Moraes Furquim de Almeida
- 15 CONFLITO DE GERAÇÕES:
INTEGRAÇÃO X RUPTURA
M. Rita Kehl

PESQUISA

- 23 PERFIS DE CONDIÇÕES HABITACIONAIS E
SITUAÇÕES DE BEM-ESTAR DE ALGUNS
RESIDENTES EM VIÇOSA, MINAS GERAIS
Aurora Ribeiro de Goicochea e
Eliamar Cavaleiro de Moraes Coelho

SEÇÕES

- 1 EDITORIAL
- 2 CARTAS
- 3 APRESENTAÇÃO
- 34 DEPOIMENTO
- 37 BIBLIOGRAFIA COMENTADA
- 40 INFORMAÇÕES

CARTAS À REDAÇÃO

"Parabéns ao SESC de São Paulo por esta iniciativa de fazer algo pelos nossos velhinhos, digo, por nós, pois já estou também na terceira idade. Li todos os artigos do número dois de "A Terceira Idade" e gostaria de receber o primeiro número e os subsequentes. Acho que vocês deveriam fazer mais divulgação desta revista. Eu a conheci por acaso, mas é o tipo de publicação onde se aproveita cada linha que é escrita. Nem comercial tem. Que beleza!"

Maria Gonçalves de Figueiredo
Belo Horizonte

"Adorei o artigo da assistente social Edith Motta. Ela tratou com muita propriedade o problema do idoso, como se estivesse contando a história de minha vida. Tudo aquilo acontece realmente. Tive vontade de pegar a revista e mandar meus netos e netas lerem para se prepararem para a velhice. Quanta coisa a gente poderia fazer para envelhecer melhor! Espero que esta geração atual aproveite o que o SESC está fazendo para os que já chegaram à velhice. Obrigada".

Doralice Rodrigues Costa
Rio de Janeiro

A princípio achei a revista "A Terceira Idade" pouco atraente por tratar de um assunto que hoje deprime tanto, sobretudo quando focalizado pela televisão. Por curiosidade, porém, comecei a ler e gostei. Gostei porque os assuntos eram tratados com uma linguagem diferente de tudo que já li sobre o idoso. Os enfoques são positivos e bem fundamentados, demonstrando grande conhecimento de quem escreve. Finalmente, alguém faz alguma coisa diferente e boa neste país! Parabéns, SESC".

Roberto Augusto Santos
São Paulo

ABRAM SZAJMAN
Presidente do Conselho
Regional do SESC

U

ma nova década traz sempre muitas esperanças. Fazem-se muitos planos, programa-se a vida a longo prazo. Como, porém, vivemos em sociedade, para atingirmos as metas pré-estabelecidas é imprescindível a existência de um clima de solidariedade onde se somem esforços para o benefício de todos.

Se a igualdade entre os homens permanece ainda um sonho distante, nem por isso se deve desistir deste ideal que a humanidade acalenta e persegue nos diferentes sistemas políticos. Dentro das possibilidades de cada instituição, seja ela pública ou privada, e mesmo dentro das possibilidades de cada um, vale a busca permanente de melhores dias, de soluções positivas que defendam a dignidade e promovam o bem-estar do indivíduo. É uma questão de direito à própria vida.

São estas as nossas preocupações à frente de uma entidade que tem procurado realizar, de acordo com seus objetivos, uma política voltada para o social, ciente de seus deveres e inspirada por sentimentos de verdadeiro patriotismo.

Atenção especial dedicamos aos idosos, não só em reconhecimento ao muito que fizeram pela sociedade em que vivemos, mas também porque acreditamos que assim estamos saldando uma dívida e contribuindo para que eles ocupem o seu verdadeiro lugar no cenário econômico-social que marcará a década de 90.

Esta edição de "A Terceira Idade" é mais uma contribuição do SESC no tratamento da questão da velhice no Brasil.

A Mulher Idosa e a Sociedade

Tendo como modelo de maturidade a realização através do casamento, a gestação de filhos, o servilismo ao marido, a idosa do cotidiano teve sua história enquadrada numa moldura doméstica, reproduzindo o que lhe foi ensinado ou induzido durante a vida.

**MARIA JOSÉ LIMA DE
CARVALHO ROCHA
BARROSO**

Assistente Social e
Gerontóloga

A mulher idosa e a sociedade brasileira é um tema abrangente. E por isto mesmo cremos não esgotá-lo. Desejamos suscitar novos estudos, reflexões e questionamentos sobre o assunto. Para melhor abordagem dividimos o trabalho em duas partes:

- 1) síntese dos principais fatos históricos que contribuíram para a formação da mulher idosa da atualidade e
- 2) traçado de um perfil genérico da idosa na sociedade contemporânea.

1 - OS FATOS HISTÓRICOS E A FORMAÇÃO DA MULHER IDOSA ATUAL.

A mulher idosa contemporânea traz consigo, no dizer da poetisa Cora Coralina, uma multiplicidade de vidas, de personagens diversos e todas as idades somadas às décadas vencidas. Foi testemunha de transformações sociais na família e na sociedade e até no modo de fazer política. Presenciou diversas formas de estilo de vida, de educação, da economia, da religião e os avanços da modernidade. As inquietações da 2ª guerra mundial, os levantes políticos, o retorno de Getúlio Vargas ao poder, entre outros fatos, permanecem em sua memória.

Para compreender a mulher idosa do momento é imprescindível retroceder no tempo, mergulhar no túnel do passado, rememorizando acontecimentos significativos, influências culturais, valores e condições de vida: um reviver historiográfico no qual a história social se confunde com a própria história da mulher.

Nos registros históricos as informações são voltadas

às conquistas do homem, omitindo a contribuição feminina. Como condutores da cultura, atribuíam a si próprios os papéis de relevância.

A história é assim: singular, incompleta e injusta. Inconscientemente limitaram a mulher a uma condição submissa e com papel social insignificante.

A imagem secundária derivava da desigualdade de tratamento social, inexistência de leis assegurando-lhes a cidadania.

Em algumas culturas antigas, onde a força física não era o valor maior, a mulher distinguia-se como um SER SAGRADO, pela sua capacidade de gerar filhos.

Uma síntese histórica fragmentada favorecerá o conhecimento da idosa contemporânea, frente a uma sociedade desatenta, permeada de mitos, preconceitos seculares e estereótipos.

A vivência do ontem contribuiu para a construção da personalidade feminina, suas experiências, costumes adquiridos, valores, educação e aspirações. Enquanto o hoje, num tempo agitado, cheio de inovações, de progressos científicos e tecnológicos, crises simultâneas, diversificadas, avanços sócio-políticos, onde os temas econômicos se sobrepõem pelo empobrecimento crescente da população, deixam-na confusa, pois a sua estrutura psicológico-existencial não lhe dá suporte para lidar com este presente.

Para entender esta idosa da modernidade, temos de situá-la no momento histórico das ocorrências sociais iniciadas na infância. A história da mulher, sua luta pelos direitos civis e sociais, bem como a participação nos movimentos políticos e feministas, resgatam essa lacuna da história social.

A história econômica retrata a situação "dos grupos marginalizados do poder", dos quais a mulher foi parte.

Os papéis sociais e políticos silenciosamente exercidos pela mulher, bem como a transmissão de valores, a sua percepção do mundo e experiências de vida, influíram sem dúvida para a formação e crescimento das sociedades.

A leitura desses momentos passados viabilizará uma maior apreensão de sua postura na

atualidade, com seus receios, certa passividade, humildade de SER e até mesmo uma resignação silenciosa ante os preconceitos sociais da velhice.

A questão da idosa passa pelos movimentos feministas e as conquistas da cidadania.

Com os avanços da Gerontologia Social e exigência do momento atual, as questões da mulher de meia-idade ou idade avançada vêm fluindo como um tema emergente e imperioso.

Torna-se necessário oferecer oportunidades, estímulos viabilizadores de crescimento, auto-promoção e realização existencial.

Ao mesmo tempo, reivindica a Gerontologia Social medidas de proteção legal e assistencial com vistas à garantia de uma melhor qualidade de vida.

Lamartine disse: "O tempo é implacável", e certamente deixou marcas indelévels nesta mulher de hoje.

Aspectos Sócio-Culturais

Sob uma forte estrutura de caráter patrilinear, tem a mulher uma iniciação direcionada aos afazeres domésticos, centrados no lar.

Quando criança, tomou ciência de sua posição como ser dependente, estimulada à passividade. A dependência ultrapassava os aspectos financeiros, firmando-se na área psicológica, correspondendo a uma escravidão social, sob uma moldura dourada de futura "Rainha do Lar". Deixava de ser despertada para o crescimento existencial e a auto-determinação.

A submissão e servidão obedeciam a uma sucessão contínua: pai, irmãos, marido e filhos, sob uma áurea de proteção.

A razão de ser da mulher expressava-se através do casamento e maternidade. Os matrimônios permaneciam sob decisão paterna. Os noivos não ofereciam contestações. E, enquanto mãe, tinha um "papel benéfico".

A manutenção da relação conjugal significava para a sociedade um desempenho satisfatório, não devendo a mulher contestar as decisões do marido.

A existência das concubinas até dentro do próprio lar e as famílias paralelas eram, muitas vezes, um fato conhecido, sendo a mulher obrigada a silenciar em troca da "harmonia" e sustento familiar.

A demografia histórica considerava a mulher como uma "variável de reprodução" nos idos de 1920.

Gilberto Freire e Caio Prado Júnior falavam dos "corpos marmóreos, porque brancos e frios," das mulheres de suas épocas. O "retrato da mãe era uma jovem matrona branca, desgastada pelas gestações, maternidades sucessivas, falta de exercício e reclusão ociosa". (1)

Os anos 30 trouxeram os eletrodomésticos, mas não alcançaram a maioria das famílias.

O método Ogino-Knaus (tabela) surgiu nos anos 40, sugerindo uma forma anti-conceptiva. Como significado social, controlava os perigos de gestações seguidas, visando a favorecer a mulher no desempenho de outras tarefas.

A televisão na década de 50 aumentou o nível de informações, de lazer no recinto do próprio lar. Propiciou maior espaço para discussão dos problemas femininos. Por sua vez, o comércio passou a investir nas preferências de uma nova consumidora.

A década de 60 significou muito não só pela inovação dos movimentos contestatórios dos jovens e das feministas. A era do Aquarius estimulou a ascensão do poder jovem e, conseqüentemente, a idéia da "juvenilização da sociedade", fortalecendo os preconceitos contra a velhice. Nesta mesma época o Censo Demográfico registrava o crescimento da população idosa no país.

O século XX propiciou uma participação feminina nas diversas formas de cultura, música, literatura, cinema, dança, artes plásticas, rádio e televisão.

Muitos foram os destaques femininos, sendo os mais populares: Cecília Meireles, Clarisse Lispector, Dolores Duram, Carmem Miranda, Dircinha Batista, Pagu, Clementina de Jesus, Raquel de Queiróz e, rompendo barreiras sócio-culturais do Nordeste, Cora Coralina, que aos 62 anos publicou

(1) *A mulher na História do Brasil – Mary del Prori*
Coleção *Renascendo a História*.

o primeiro livro e aos 94 anos recebeu o primeiro prêmio como intelectual do ano.

Carmem da Silva, durante 20 anos, escreveu em jornais, revistas, principalmente na *Cláudia*, onde levantou questionamentos sobre a condição da mulher. Em seu livro "Histórias Híbridas de Uma Senhora de Respeito", destacou que "ser mulher na década de 30 e 40, numa cidade pequena, era mais difícil, era dramático, havia de escolher entre a fuga, o martírio e o heroísmo". Finalizando afirma: "escolhi a fuga".

Trabalho

O ingresso feminino no mercado de trabalho deu-se nos anos 10, por ocasião da "crise da carestia".

A 2ª Guerra Mundial exigiu-lhe maior participação nas fábricas.

A implementação de estratégias de expansão industrial no Governo de Juscelino Kubistchek fez crescer as oportunidades de trabalho.

Desde então, a posição da mulher no mercado de trabalho formal e informal se consolidou, não exercendo uma função subsidiária, mas como trabalhadora especializada, chegando a auto-promover-se como empresária e profissional liberal. Apesar do reconhecimento satisfatório, ainda sofre discriminação salarial.

A trabalhadora rural não recebia remuneração pelo trabalho, considerado uma ação complementar ao serviço do marido agricultor ou da pecuária.

Educação

"Toda mulher que não souber fazer um caldo, deveria ser proibida de dirigir uma casa", assim pregava o escritor português Ramalho Ortigão. Com este pensamento, a educação no lar se iniciava com a aprendizagem de afazeres domésticos: lavar, passar, cozinhar e cozer. A grande maioria apenas concluía o Curso Primário.

O poder informal de educação dos filhos por muito tempo competia à mulher. Sem se aperceber, transmitiu valores e culto ao machismo, em prejuízo próprio. A insuficiência de informações empobreciam-na intelectual e existencialmente. Os movimentos femininos conquistaram o direito da

cidadania para mulheres, com direito de dar o voto e de serem votadas.

O ingresso nas Universidades foi mais recente. As mulheres de melhor condição financeira ingressavam em faculdades estrangeiras.

Religião

A religião contribuiu para a sedimentação de uma ideologia machista na família. Os ensinamentos bíblicos, no Gênesis, explicaram a criação da mulher após o homem e usando uma de suas costelas. Daí advinha a idéia da inferioridade da mulher.

Os princípios de castidade foram muito fortes e não muito bem interpretados.

A submissão da mulher ao homem se encaminhou numa linha de escravidão e despersonalização. Outras religiões também seguiram estes mesmos valores.

A cultura brasileira foi muito influenciada pela religião. O país eminentemente católico adotou todas as posturas recomendadas pela Igreja. A família brasileira, seguindo as orientações religiosas, transmitiu aos filhos, principalmente às mulheres, todas as imposições relativas ao comportamento, à vida afetiva e ao sexo. A Igreja teve atitudes opressoras e de desvalorização.

Modernamente e de forma generalizada, a Igreja apoia diversos segmentos, como as Pastoras da criança, do adolescente, dos casais, dos presidiários, da saúde e dos "Sem Terra". Deixa de oferecer espaços, estímulo e apoio às pessoas de meia idade e de idade avançada, às pensionistas, viúvas, separadas e solteiras. A Pastoral da Velhice ainda não foi implantada. Porém, algumas paróquias iniciam timidamente.

Talvez seja a própria sociedade civil que, não priorizando esta questão, deixa de lhe dar a importância social devida e os idosos, por sua vez, não insistem na conquista deste espaço.

A mulher em processo de envelhecimento poderia encontrar na Igreja ponto de apoio para se reorganizar espiritual e existencialmente. A Campanha da Fraternidade – "Mulher e Homem, instrumento de Deus" – veio redimir a pessoa da mulher desvalorizada durante séculos.

Direito

O Código Civil permanecia inalterado, considerando a mulher casada como pessoa incapaz, enquanto subsistisse o matrimônio. A Declaração dos Direitos da Mulher, conquista de suas reivindicações, não alcançou o direito do voto, em 1928. A consciência da desigualdade crescia timidamente entre as mulheres. Mesmo assim, continuavam a se movimentar, discutindo a diversidade de tratamento, iniciando as reivindicações.

Em 1932, o presidente Getúlio Vargas aquiesceu em conceder o direito ao voto feminino, sendo o Brasil o 4º país, após o Canadá, Estados Unidos e Equador, a tomar tal decisão.

Saúde

Os programas assistenciais foram sempre dirigidos à maternidade e à infância. Como 7ª causa de mortalidade, ocorrências advindas de partos. Ainda hoje a 3ª causa é devida ao câncer ginecológico, com um percentual de 44,5%. (2) Outras doenças controláveis ainda vitimam muitas mulheres por falta de atendimentos médicos.

As condições de saúde da população, de um modo geral, não atendem aos parâmetros básicos. Ocupa o Brasil o 55º lugar no indicador referente à qualidade de vida da mulher, situando-se abaixo das Filipinas, Jamaica, Cuba e Paraguai. (3)

Porém, mesmo com esses dados controvertidos, no decênio de 60, em termos globais, a mulher conseguiu sobreviver 4,3 anos a mais e, na década seguinte, alcançou 6,5 anos.

O cotidiano nos faz observar que a maioria das mulheres apresentavam-se com envelhecimento precoce, mesmo assim as suas condições são melhores que as do homem e, "nestes últimos 30 anos, elevou-se para 10 anos a mais". (4)

Tendo em vista as desigualdades sócio-econômico-político-culturais e ecológicas do país, em 1987 a esperança de vida também apresenta-se diversificada. A média global incide em 63 anos. No sul alcança 69,4 anos, no Centro-Oeste 67,7 anos, no Norte 67,5 anos, no Sudeste 65,3 anos e no Nordeste 54,5 anos.

(2) Projeto Maria Bonita – Conselho Cearense dos Direitos da Mulher. Fátima Dourado Mapurunga

(3) A mulher brasileira no século XX – revista Cláudia – março 90.

(4) Brasil, Reforma ou Caos – Hélio Jaguaribe e outros – Ed. Paz e Terra.

A população nordestina sobrevive menos 16,2 anos do que a da região Sul. (5) As mulheres vivem mais de 6,4 anos que o homem nos grupos cujo "per capita" é de 1/4 do salário mínimo e 4,5 anos, nos grupos que percebem 1 salário mínimo. A expectativa de vida no Nordeste é menor, em razão da alta incidência de mortalidade infantil.

No entanto, se for considerado o número de idosos no Nordeste, percebe-se um número significativamente maior que nos estados do Sul, ressaltando-se Ceará e Paraíba.

Política

Pressionada pelos preconceitos e a falta de prática política, a mulher teve pouco desempenho na vida pública da sociedade.

A designação "homem público" conferia destaque, significando o desempenho oficializado de uma função própria ao cidadão. Igual identificação era indevida à mulher. Na linguagem usual, "mulher pública", era a mulher de todos, a serviço da sexualidade.

Mesmo assim, algumas afrontaram a sociedade, no desejo de servi-la, adotando posições de grande coragem.

Por ocasião da abolição dos escravos, a mulher teve uma participação de destaque, assim também na Confederação do Equador. Foram momentos estanques e especiais de valorização da mulher.

Em 1920 foi criada a Federação Brasileira para o Progresso, movimento político pioneiro da mulher.

Nas revoluções civis de 30/32, assumiu importante papel, destacando-se Bárbara de Alencar, adotando igual postura de Joana D'Arc.

Foram atitudes isoladas: em 33, assumiu a mulher a sua cidadania, podendo votar e ser votada.

Com a queda de Getúlio Vargas, em 45, retornou a mulher às atividades políticas, lutando pela anistia dos presos políticos.

Durante a 2ª Guerra Mundial, no Rio Grande

(5) *Brasil, Reforma ou Caos – Hélio Jaguaribe e outros – 2ª ed. – Paz e Terra.*

do Norte, as mães, revoltadas com a possível convocação dos filhos, queimaram os arquivos, impedindo a chamada para prestação de serviço militar. Foram atos de coragem e acreditamos que tenham existido de forma eventual.

As gerações de 20 e 30 não foram afeitas à política, pelo consenso social que atribuía à mulher outro papel e a participação política exigia, além da presença física, o compromisso de desempenhar funções distantes das salas de aula ou do recesso do lar.

Havia o medo social. A política era atribuição dos homens, pelas situações de perigo, conflituosas e duvidosas que poderiam provocar.

Longe de assumir uma posição na área econômica e não dispoendo os partidos políticos de departamentos femininos, tornou-se difícil o exercício político da mulher idosa dos dias presentes.

Atualmente deixa de exercer o dever e direito de cidadania, pelo desestímulo social e isenção prevista na Constituição, dispensando-a da obrigação do voto, aos 70 anos. (6)

Pela sua passividade social, ainda hoje, com os meios de comunicação favorecendo um melhor conhecimento dos candidatos, as mulheres são influenciadas por outros na identificação do melhor candidato e muitas vezes deixam de votar em uma mulher, pela desconfiança de um desempenho satisfatório. Com um percentual de 54% entre os eleitores, deixa a mulher de fazer valer a sua significação no jogo político.

Nos movimentos feministas, como nos conselhos dos direitos da mulher, o direcionamento das ações é para a mulher trabalhadora em nível de produção. As adolescentes, as de meia idade, de idade avançada não foram ainda alcançadas.

Os planos governamentais, até bem pouco tempo e, em sua grande maioria, não despertaram para a importância de programas específicos para este segmento. É como se as mulheres nesta faixa etária não necessitassem de atenções, apoio e proteção.

Há carência de estudos, trabalhos, pesquisas, informações bibliográficas sobre esta etapa de vida.

(6) *Constituição da República Federativa do Brasil – 1988 Art. 14 § II – B.*

2 – PERFIL GENÉRICO DA IDOSA NA SOCIEDADE MODERNA.

Este quadro referencial tão complexo, com aspectos circunstanciais tão diversificados, complementa-se com a soma de fatores bio-psico-sociais, referentes às etapas anteriores do ciclo de vida. Importante, também, aliar-se dois outros elementos significativos: a velhice como “juízo social” e o Brasil com sua complexidade dualista, advinda de uma sociedade moderno-industrial, de 8ª economia do mundo ocidental e outra, primitiva, contando com 60% da população, em nível de subsistência e indicadores sociais identificados com os afro-asiáticos.

Retiramos algumas fichas do arquivo historiográfico e informações do cotidiano, na tentativa de identificar, “en passant”, o perfil da idosa da atualidade, algumas imagens desta mulher que nos preocupa pela omissão da sociedade dos anos 30 e 60 e da atual que vive a modernidade dos tempos e das crises. Neste clima de modernidade, fluiu a idosa do presente, refletindo o nível de desenvolvimento ou de subdesenvolvimento da estrutura sócio-política, econômica e cultural, onde cumpriu etapas do ciclo de vida.

Foram impressos em sua personalidade, em sua alma, fortes preconceitos, mitos, bloqueios às iniciativas, as discriminações, a submissão explícita, as desigualdades de tratamento e de oportunidades. Múltiplos fatores de conteúdo sócio-econômico, político, cultural, educacional e de comportamento estão inseridos nesta questão.

A idosa desta abordagem viveu gestações múltiplas, o misticismo da época, vivenciou o drama ecológico das secas e enchentes do Nordeste. Com simplicidade conviveu com a riqueza da Amazônia esquecida que hoje estarrece o mundo, atraindo “defensores” da elite.

A mulher simples, forte, audaz e silenciosa recolheu dentro de si uma história própria e desconhecida. Sacrificou a vida, resignada aos princípios e valores cristãos vistos numa linha de espiritualidade, foi castrada à luz da psicologia ou alienada sob a análise da sociologia. Como disse Cora Coralina: “Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou”.

Tendo como modelo de maturidade a realização através do casamento, a gestação de filhos, o servilismo ao marido, a idosa do cotidiano teve

uma história de vida enquadrada numa moldura doméstica, reproduzindo o que lhe foi ensinado ou induzido. Sofreu “os preconceitos que exigiam da mulher submissão a padrões inflexíveis”. (7) – Porém, sempre disposta a renunciar os seus sonhos e anseios em benefício da harmonia familiar e progresso dos filhos, esqueceu-se de si mesma. Excluiu-se do planejamento da vida familiar, deixando de investir em si própria. Muitas vezes deixou de cuidar do seu corpo, sacrificando o seu próprio estilo, deixando-o a serviço da sexualidade do cônjuge.

Esqueceu suas necessidades existenciais, intelectuais e de sua própria sexualidade. Alienou-se de si mesma, passando a ser objeto de cama para o marido e de mesa para todos da família. Foi mais um robô obediente, prestimoso, atento aos interesses familiares. Fez de si uma tatuagem na pele do esposo. Em sua viuvez se expõe à morte social.

Foi objeto e instrumento, anulando-se a ponto de ser identificada como incapaz para ser, cidadã e para decidir, como inocente criança desconhecida da vida.

Como mãe e mulher, teve um desempenho ótimo ou satisfatório, porém, como pessoa humana sobreviveu muitas vezes em meio a uma neurose difusa.

Teve a sua história de vida onde cumpriu papéis sociais, papéis biológicos, com a maternidade, psicológicos, com o desempenho dos encargos familiares, criação dos filhos, harmonia do lar, ponto de equilíbrio entre pai, escola e filhos, correspondendo às expectativas sociais.

Na meia idade, perplexa diante dos destinos da família, com os filhos encaminhados na vida, o marido em vias de aposentadoria, assiste com certa passividade aos acontecimentos da contemporaneidade.

Tem ainda medo de refazer a sua história, assumindo-se com o seu corpo que envelhece, com a descontinuidade do seu crescimento intelectual e a realização de seus sonhos/anseios.

O julgamento social para uma pessoa de meia idade ou de idade avançada é ainda muito forte pelos preconceitos. Os figurinos sociais ainda são vigentes, no sentido de dizer o que pode ou não, o

(7) *Vintém de Cobre – Cora Coralina – Universidade Federal de Goiás – 4ª edição.*

o que deve ou não ser feito por uma mulher de 45 ou 65 anos. Ainda há cobranças sociais, neste sentido, nas regiões norte/nordeste.

A idosa do sul/sudeste já acordou. Assumiu-se, modificou-se, reencontrando o encanto de viver, porque vem conquistando espaços, redimensionando o seu cotidiano e, sobretudo em muitos casos, trabalhou a transformação social de sua família, partindo de si própria.

A nova postura deveu-se ao desenvolvimento econômico-social, político e cultural, à miscigenação das etnias. As próprias condições de vida, de urbanização e de nível de escolaridades são outros fatores a serem considerados.

A nova mulher nortista e nordestina acontecerá com a ampliação de espaços sociais, de novas alternativas de trabalho social, com o reconhecimento de sua cidadania e a criação de uma nova mentalidade direcionada também para sua qualidade de vida existencial, social, sexual.

Vai fluir esta nova imagem de modernidade, quando a participação social for maior em todos os níveis, quando o conceito de vida incluir o desenvolvimento psico-emocional, a afetividade, quando o corpo for valorizado, independente de sua aparência física, quando a condição de pessoa humana alcançar uma dimensão maior que a satisfaça, dando a sensação de que existiu, foi gente, viveu, passou pelo mundo, deixando marcas indeléveis.

Ante uma nova condição de vida, por uma situação de viuvez ou de separação, envolvida que esteve com a família, deverá enfrentar novos tempos, mesmo que não tenha sido preparada para dirigir sozinha sua vida. Nesta nova condição enfrentará, quase sempre, uma perda social, pela ausência do marido que a completava ou uma situação de liberdade para ser aquela pessoa realizada, com independência de atitudes.

E, como conclusão, gostaríamos de fazer duas colocações:

1) Que esta questão seja motivo de estudo, reflexão e questionamentos não somente por parte da própria mulher de meia idade ou de idade avançada, mas seja um tema de atenção para todos, homens e mulheres em qualquer faixa etária.

2) Uma mensagem às mulheres de meia idade e de idade avançada:

Acorde mulher,

Vamos reviver o encanto da vida,
dando uma nova direção aos dias presentes.
A sua história de vida foi única.

Você fez o que pôde, o que soube fazer pelos seus.

Agora o momento é todo seu,
tome sua decisão,
reencontre-se consigo mesma.

Veja o que lhe faltou fazer,
o que você gostaria de aprender, de realizar,
aonde gostaria de ir.

Junte suas energias, programe-se
para alcançar o seu sonho possível.
Não lamente o que não pôde fazer.
Não chore pelo que passou e perdeu.

A vida, dom de Deus,
é o seu bem mais precioso.

Desperte para si própria,
veja seu corpo tão diferente pelo tempo que passou
e lhe deixou marcas.

Porém, o importante é que você viveu, somou experiências,
dores, alegrias e ainda está de pé, com toda a sabedoria

que o tempo lhe fez acumular.

Não se envergonhe de seus cabelos de prata, das rugas,

sinal de vida vivida do corpo que pesa.

Você está viva e o sol nasce a cada dia prá você.

Viva a vida.

Levante um brinde e dê graças à vida, porque existe.

Invista na sua afetividade.

Ame a si própria e a todos os que a rodeiam.

Busque as amigadas esquecidas
de tempos antigos, reforce os laços.

Veja seus netos,

sinta a relação maior que existe entre você e eles.

Você vai amar-se mais, através deles, pois você está neles.

E o seu sinal de imortalidade vai repassando entre as gerações.

É a sua história de amor, vivida no passado.

É o seu troféu maior.

Seus netos darão testemunho de sua existência.
Ilumine-se.

Deixe que a força da vida
energize seu interior.

Faça um trato com todo o seu ser: dê atenção ao seu corpo, ao seu organismo, à sua mente.

Procure dar-lhe a energia que existe escondida,
acomodada dentro de você.

Solte o seu amor maior por você mesma.

Seja daqui por diante uma nova mulher.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1) A mulher brasileira – June E. Hahner e suas lutas sociais e políticas – 1850/1937 – Editora Brasiliense – 1981
- 2) Mulher e política – Fany Tabok / Moema Toscano – Editora Paz e Terra – 1982
- 3) A mulher e a Constituinte – Silvia Pimentel – Editora Cortez – Educ. – 1985
- 4) Mulher – da escravidão à libertação – Hegues D’Ans – Edições Paulinas – 1989
- 5) Mulher e desigualdade dos mitos à libertação – Helcida Ribeiro e outros – Edições Paulinas
- 6) A mulher diante da vida e do amor – Marion Hilliard – Ed. Cultriz – 4ª edição – 1976
- 7) Acorde, mulher – Fiorângela M. Desidério – Edições Paulinas – 3ª edição – 1989
- 8) A mulher na História do Brasil – Mary Del Priore – Ed. Pinsky Ltda. (contexto) – 1988
- 9) Brasil: Reforma ou Caos – 2ª edição – Editora Paz e Terra – Hélio Jaguaribe e outros
- 10) Constituição da República Federativa do Brasil – 1988 – Ed. Revist. dos Tribunais
- 11) Meu livro de Cordel – Cora Coralina – Ed. Cultura Goiana – 1976
- 12) Poemas dos Becos de Goiás – Cora Coralina – U.F. Goiás – 1977
- 13) Vintém de Cobre – Cora Coralina – U.F. Goiás – 4ª edição
- 14) Projeto Maria Bonita – Módulos diversos – Conselho Cearense dos Direitos da Mulher
- 15) Reflexões sobre a Saúde da Mulher – Fátima Dourado Mapurunga – Conselho Cearense da Mulher

Vida e Morte na Existência Humana Segundo uma Visão Cristã

A boa-nova, o evangelho tem a ver com a idéia de continuidade, da ressurreição, com a idéia da humanização da morte, o que não significa tirar da morte toda a sensação de sofrimento, de perda.

O sofrimento, é, às vezes, uma forma de encontro com Deus e com os outros.

**MARIA ÂNGELA VILHENA
DE MORAIS FURQUIM DE
ALMEIDA**

Socióloga e Professora

Em primeiro lugar, tenho a dizer que de pouca valia tem essa titulação toda pela qual fui apresentada. O que importa é que estou aqui menos como teóloga e mais como cristã que tenta viver melhor e transmitir aos outros algo positivo a respeito desta questão da morte. Para nós cristãos é uma questão fundamentalmente ligada à idéia de vida.

Trabalho também com jovens, tanto do meio popular como das classes média e alta e tenho notado que entre eles a morte é uma questão que desperta muita curiosidade e interesse. Mesmo porque hoje tratamos deste tema da morte com muita reserva, quase como um tabu, assim como em nosso tempo de jovens tratávamos como tabu a questão da sexualidade. Nós transformamos a morte num tabu que, ao mesmo tempo, nos amedronta e nos fascina.

Precisamos conversar sobre a morte numa perspectiva de vida, porque é nessa perspectiva que a encara o cristão, porque ele encara a vida como um dom de Deus, o Deus da vida, que cria os homens para a vida. A partir desse fundamento é que tratamos a vida e a morte como realidades inseparáveis, procurando encontrar na vida o sentido da morte e na morte o sentido da vida. São duas realidades que têm a ver uma com a outra, são duas dimensões inseparáveis de uma mesma realidade.

Deus se faz história, assume a história em função da vida. O próprio Cristo coloca: "Eu vim para que todos tenham a vida e tenham a vida em abundância". Porque nosso Deus é o Deus vivo que criou a vida, deu a vida, e por causa da vida está na história, a nossa reflexão sobre

a morte se faz na perspectiva da vida. E essa vida em abundância diz respeito à vida material, em primeiro lugar; à vida corporificada que passa pelas necessidades do corpo. É com o corpo que vivemos, que nascemos e que executamos funções biológicas, temos necessidades de saúde, de alimento. E, em segundo lugar, com o corpo refletimos, temos nossos projetos de vida, necessidades afetivas e, portanto, temos uma vida de corpo espiritualizada, que transcende o próprio corpo.

Se Deus no qual acreditamos é o Deus da vida, ele se contrapõe a tudo o que seja morte. Podemos pensar, então, a questão da morte em vários níveis. Além da morte física há a morte social. E pensamos no que produz a morte em uma sociedade. Nessa experiência particular, na luta pela vida, quais são os mecanismos de natureza social, política ou econômica que hoje estão criando morte e com as quais não podemos conviver, pois Deus em quem acreditamos não pode aceitar essa morte provocada, essa vida social de opressão.

É esse Deus que entra na história e é vocacionado pela história em favor da vida. Lembro-me de uma passagem marcante que caracteriza esse "entrar de Deus na história", no livro Êxodo, cap. III, 7, onde Deus contempla a miséria do povo hebreu, quando este povo estava escravizado no Egito: "Vi a miséria de meu povo que está no Egito. Ouí o seu clamor por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci para libertá-los". . . Deus, portanto, se faz parte da história, para que o povo construa de novo uma história em liberdade. O interessante é que Ele não faz isso sozinho. Ele chama Moisés para que libere esse povo e o encaminhe para a Terra Prometida. É um Deus presente na história e que tem compromisso com a vida dos homens do povo. É um Deus que salva e que liberta para a vida e que envia o povo a construir uma sociedade cujo eixo e critério seja a vida, deixando para trás uma situação de morte. É um Deus que deseja instalar na história o reinado da vida. Por isso Deus tem a ver com o processo de produção e reprodução da vida material. Ele tem a ver com a economia e com a política, com a medicina, com a psicologia.

Tudo o que diz respeito à vida tem a ver com Deus que se compromete com a vida. Daí que não podemos aceitar ou conviver com uma situação de morte.

É uma situação que podemos enxergar hoje no país, onde, segundo Hélio Jaguaribe, temos

76,4% de pessoas que vivem com menos de 3 salários mínimos. Essa é uma situação que se caracteriza como opressão, como situação de morte social, um atentado contra o Deus da vida, porque um atentado contra nosso irmão. É muito difícil se conformar com uma situação destas, alguém que, como cristão, acredita em Deus que se compromete com a vida.

Mesmo que estivéssemos em uma situação onde todos tivessem garantido o acesso aos direitos da vida, a vida das pessoas sempre se defrontaria com o fenômeno da morte física. E nos perguntamos qual é a palavra de Deus para aquelas pessoas que, após terem vivido, amadurecidas pela vida, têm que encarar a morte?

Para nós, a palavra de Deus está contida nas escrituras, no evangelho que significa boa-nova, boa notícia. O que tem, portanto, a fé a dizer para aqueles em situação de morte social ou morte individual? O que, afinal, tem esse evangelho a dizer, qual a boa notícia que ele nos dá? Uma primeira colocação é aquela de acreditar, como dissemos, no Deus que dá a vida e não cria o homem para o aniquilamento e para a perdição. A boa-nova, o evangelho tem a ver com a idéia de continuidade. Com a idéia de ressurreição. E tem muito a ver com a idéia da humanização da morte. Isto não significa tirar da morte toda a sensação de sofrimento, de perda. A morte traz sempre uma carga de sofrimento, de angústia. Ela se dá em situação de desconforto, de dor. Tem o lado humano de se deixar os amigos, a família e tem o lado humano da perda de processos e projetos que não foram realizados ou terminados.

Mas a morte pode ser humanizada, embora não possamos tirar dela a carga de sofrimento. O mundo moderno não sabe viver com o sofrimento, queremos mais é desfrutar. O sofrimento é um valor que precisa ser resgatado como uma atitude ativa, como alguma coisa na vida que nos ajuda a amadurecer. A experiência do sofrimento é, às vezes, uma forma de encontro e de diálogo com Deus e com os outros.

E como podemos trabalhar esse lado do sofrimento da morte para que ela se dê em situação de dignidade? Um dos dados é, partindo de situações particulares, ser solidário com quem está enfrentando a morte, seja o doente terminal, seja a própria família.

Outro dado é procurar com que se diminua o

sofrimento da morte, a diminuição da dor. Há hospitais onde se tratam os doentes terminais de forma desrespeitosa à sua dignidade de seres humanos. Do hospital se passa ao velório, com um tratamento quase de mercadoria. O morto é uma carga da qual todos procuram se livrar o mais rapidamente possível.

Uma terceira dimensão seria uma preparação pedagógica e psicológica para a morte. Hoje nós mascaramos para as crianças e os jovens a realidade da morte, afastando-as dos nossos mortos, do velório, do cemitério. Deveria haver uma pedagogia para isso, para prepararmos as crianças e os jovens para uma realidade com a qual todos, de qualquer maneira, nos vamos defrontar.

Outro ponto importante é o amparo espiritual. O cristianismo que tem uma mensagem de vida, comete na prática algumas distorções. Um exemplo é o ritual que cerca o doente terminal: a visita do padre somente nos últimos instantes, o rito da imposição do óleo, da água benta, das orações apressadas: quase não se fala em esperança de ressurreição. Mas se fala de julgamento. Quase nada de misericórdia. Depois, vem a missa de 7^o dia, com as orações fúnebres de costume. Nossos ritos mortuários deixam muito a desejar. O acompanhamento espiritual do enfermo e da família do morto está perdendo o sentido. Há mudanças quando, através da Pastoral da Saúde, o leigo assume essas funções de acompanhamento.

Volto a falar dessa passagem para uma vida nova. Gostaria de estar no momento final, porque a primeira passagem do meu nascimento eu não vi e não vivi conscientemente essa experiência da vida. Seria bom que neste outro momento de passagem para outra forma de vida eu estivesse lúcida, para fazer disso um ato livre. Porque a morte pode ser um ato de liberdade. Não precisa ser um ato de opressão, de escravidão. Apesar do sofrimento, este momento pode se dar na paz, e na paz devo estar um pouco senhora de meus atos, para fazer essa passagem nessa continuidade do meu eu profundo para uma forma, uma outra experiência de vida. Para o encontro, que eu imagino que é com um Deus que é Pai, um Pai que, segundo o Profeta Oséias, "atraía-os com laços humanos, com os vínculos do amor e era para eles como alguém que leva uma criança no colo". É um Deus amoroso e apaixonado pelo homem, que faz tudo para conquistá-lo com seus laços e se encontra na justiça e no direito. É o Deus do filho que sai e apronta na

vida, é a história do filho pródigo, onde o pai recebe com festas o filho querido que se desviou do caminho e, colocando o anel em seu dedo, porque o filho voltou, antes mesmo que esse filho peça perdão, lhe dá o abraço da paz.

Por isso, para o cristão a esperança na ressurreição é esse toque do Pai amoroso e apaixonado, mas também não é isto um otimismo ingênuo. Deus é para o cristão um Deus que revela com critérios, que revela o critério da vida, como em Mateus 25,35: "eu tive fome e me deste de comer, tive sede e me deste de beber. . . em verdade, tudo o que fizeste a um destes irmãos mais pequeninos, a mim fizeste". É para esse irmão favelado, nordestino, desempregado, para os marginalizados da vida, que são os pequeninos, é que se deve dirigir a minha solidariedade, a minha ação de cristão que vive na esperança de uma vida futura.

Daí, que essa crença na ressurreição passa pelo critério da solidariedade, pelo critério maior que é a misericórdia que ultrapassa minha maneira de ser, que é o critério da justiça.

A novidade da fé:

1) Desperta, reanima a esperança, coloca a certeza que a morte não é o fim, mas um marco para uma nova vida, na qual será mantida a unidade fundamental de cada ser humano. O Deus anunciado por Jesus Cristo é um Deus amoroso "o qual faz viver os mortos e chama à existência as coisas que não existem" Rm 4,17. É uma Boa Notícia. É um Deus libertado que liberta da morte. É um Deus de VIDA NOVA que já começa aqui e agora na transformação de todas as situações de morte ainda existentes. A vida nova começa pelos nossos gestos históricos de justiça, de fraternidade, de amor. Por isso a morte coloca o ser humano diante de tudo aquilo que ele fez de si, que buscou, que construiu. Lembra-lhe a seriedade absoluta do sentido da vida.

2) A mensagem de Jesus é a mensagem de fidelidade de Deus que ama os homens e os segue: "nada, (morte-vida, presente-passado-futuro) pode nos separar do amor de Deus". Rm 8, 38-39.

3) Deus nos ama, nos fala ao coração, acolhe, está sempre disposto ao perdão. Os. 2,16. No amor não há temor, mas confiança e respeito.

4) Não se trata de um otimismo superficial e descompromissado, mas criterioso.

5) O que nos salva é a misericórdia de Deus. Diante de Deus estamos sempre de mãos vazias – somos pobres.





Conflito de Gerações: Integração x Ruptura

A indústria cultural valoriza muito o jovem e projeta o idoso como uma figura folclórica, uma figura inofensiva, engraçada que nada tem a acrescentar, a não ser um pouco do resto daquele tempo nostálgico em que tudo era tão bom e confortável...

MARIA RITA KEHL
Psicóloga e Jornalista

Talvez seja mais útil abordar esse tema – “Conflito de Gerações” – pelo lado do avesso. Sempre que se fala em conflito de gerações, a tendência é tentar explicar para os pais, ou para os idosos, ou para os relativamente idosos, o que acontece com os jovens e adultos, de modo que os pais possam entender essa crise pela qual os filhos ou pessoas de outra faixa etária estão passando. Pretendo fazer o contrário, porque parece que a maioria das pessoas já refletiu muito sobre o que acontece com os jovens.

Então, pensei em abordar a crise do idoso, a crise da geração dos pais. Se é que existe uma ruptura jovem, esta ruptura já bastante conhecida, é a ruptura da identidade com a família ou seja, até certo momento a identidade da criança ou do pré-adolescente é muito fundada na família, na vivência em família, no modelo familiar, na ideologia familiar e representa um momento de ruptura em que a identidade vai se enriquecer, vai deixar de ser fundada na família, às vezes até com a negação violenta dos valores familiares e vai ser fundada em outros contatos que esta pessoa jovem vai fazer.

Encaramos este fato como crise, porque este momento evidentemente desequilibra toda uma harmonia familiar. Agora, se pensarmos do ponto de vista dos jovens, esta é uma crise altamente produtiva, porque este é o momento em que ele vai enriquecer suas identificações. Em vez de ele sair dali como uma síntese xerocada do pai e da mãe ou do ambiente familiar, ele vai ser outra pessoa, absolutamente diferente, com alguns traços de identificação com a família, mas com idéias, traços de personalidade, de mentalidade, gostos na vida que os pais não têm a menor idéia de onde ele foi buscar.

Enfim, essa é uma crise para o enriquecimento.

Acontece que esta crise provoca uma outra que estaria abafada até aí, que é a crise por que passa a criança entre os idosos e o mundo. Esta é a crise que eu gostaria de abordar agora, e não a crise do jovem que está legitimamente passando por esta crise, e que tem que desequilibrar mesmo o ambiente à sua volta.

Queria falar um pouco sobre o sentimento de ruptura que existe no idoso, no momento em que seus parentes ou alunos e outras pessoas começam a contestar, de maneira absoluta, aquilo que o idoso ou o mais velho pensa ser uma verdade inquestionável. Porque, na verdade, a ruptura que se dá dentro da psique do idoso, nesse momento, não é a ruptura do jovem, não é a mesma ruptura que o jovem provocou ou denunciou. É a ruptura entre a experiência de vida desse idoso e o mundo que o cerca, esse mundo que está em constante transformação, de modo que não é de se estranhar que a pessoa, que não está em permanente transformação, num determinado momento se choque contra o mundo.

A rigor, não deveria existir ruptura, falando em termos ideais e não deveria existir esse sentimento de ruptura, se fosse possível, se a própria sociedade permitisse – e temos que pensar também nas relações de trabalho numa sociedade como a nossa, que vai padronizando nosso cotidiano.

Não deveria existir ruptura se a sociedade permitisse, se nós buscássemos condições para, de certa maneira, nos permitir esse constante equilíbrio e desequilíbrio que a vida exige de nós, ou seja, há momentos em que eu penso que conheço o que está à minha volta e me sinto muito seguro, muito satisfeito e feliz comigo mesmo, achando-me onipotente e muito sabido e, em seguida, uma informação nova vem me dizer que não estou bem assim e preciso novamente me desequilibrar, para entender essa nova informação e novamente me sentir, em outro momento, mais feliz, satisfeito. Esse movimento seria mais ou menos constante, justamente porque ele não é constante e porque em determinado momento da vida ele tende a cessar, de modo que, de repente, quando a gente se dá conta, há um abismo entre a sua experiência de vida e sua experiência de vida como idoso.

E aqui não falo necessariamente do idoso,

mas posso falar de uma pessoa de 35 a 40 anos, dependendo da experiência de vida de cada um. Por que, em determinado momento existe um abismo entre aquilo que posso e sei, o que penso ou entendo e aquilo que o mundo exige de mim? Mesmo que o mundo me venha representado na forma de uma pessoa, de um filho, por exemplo, que na hora posso tentar compreender e posso também tentar esmagar. Se ele é o representante de um mundo que me ameaça, posso tentar calar essa pessoa ou essas pessoas, ou posso tentar ouvi-las.

Para entender um pouco por que se dá essa estagnação na nossa vida, preciso falar um pouco do NARCISISMO, que é um conceito psicanalítico já muito incorporado pelo senso comum. Em geral, quando falamos de narcisismo, mais no senso comum, falamos mais em vaidade, excesso de autoestima, excesso de presunção, enfim é uma forma um pouco pejorativa, e com certa razão, porque os efeitos do narcisismo mal elaborado geralmente são os de tornar a pessoa um pouco desagradável, um pouco acreditando demais em si mesma e acreditando pouco nos outros, recebendo mais e trocando muito pouco com o mundo. De qualquer maneira, queria, sem complicar muito, explicar um pouco qual é a origem disso.

Não se pode falar de narcisismo como de um defeito, mas de uma característica humana absolutamente essencial. O narcisismo seria, resumindo, o amor de cada um a si mesmo.

A origem disso é a vida uterina, o momento em que cada pequeno ser humano se sentiu absolutamente protegido, integrado, fazendo parte do mundo e esse mundo seria o útero materno.

Esse é o momento que chamaríamos de plena onipotência, de uma experiência muito arcaica, da qual a gente não tem memória, mas que deixa um traço de saudade indelével na psique de cada um de nós. E a esse momento segue-se o nascimento, que é um momento de grande ruptura, um momento em que o equilíbrio perfeito entre o eu e o mundo se rompe, para em seguida tentar se refazer.

É como se, a partir do nascimento, o bebê tentasse permanentemente refazer este estado de total conforto, no qual ele se sente tão seguro e protegido que é a vida uterina. E ele o refaz de várias maneiras. Ele o refaz na unidade com a mãe, na vivência de unidade que o bebê tem com a mãe

nos primeiros anos de vida.

É como se na fantasia ele ainda pertencesse ao corpo materno: ele ainda é muito frágil, muito pequeno para poder admitir se defender nessa condição, de ser alguém isolado do mundo e no mundo. Essa dependência do bebê é tão real e tão grande, que, sem os cuidados da mãe e do representante da mãe, ele realmente não tem condições de sobreviver. Na fantasia, a criança, durante alguns meses, ainda se sente sendo um todo com o mundo "mãe".

E é por isso que dizemos tão frequentemente que a criança pequena se sente o centro do universo, não porque ela seja o centro das atenções dos adultos da casa, porque nesse momento todos os adultos nem lhe interessam.

Interessa, sim, aquele ser que ela imagina que pode controlar, que ela imagina ainda que lhe pertença ou que ela imagina que pertença a ele. Ela imagina ainda poder formar com este ser, que é a mãe, uma plenitude maravilhosa.

Bem, se este estado pudesse realmente ser preservado, não haveria crescimento, ou seja, se minha relação atual com a mãe fosse tão perfeita quanto eu gostaria, com um mês de idade eu não precisaria crescer, porque é como se eu pudesse perpetuar a vida intra-uterina, e isso me impediria de interagir com o mundo.

É de todas essas pequenas rupturas entre a criança e o amor paterno, entre a criança e o desejo materno é que se faz o crescimento. Entretanto, sempre que falarmos de ruptura aqui, não vamos falar de um acidente nefasto, mas falar de um acidente produtivo, que são os acidentes que nos permitem crescer.

O que seria então, o narcisismo? O narcisismo seria essa idealização, essa imagem que eu conservo permanentemente, essa imagem de que "eu estou completo", sou uma parte do universo e, ao mesmo tempo, o universo gira em torno de mim e, ao mesmo tempo, eu o domino e, ao mesmo tempo, estou pleno do amor da mãe imaginária. Não é mais a mãe que tenho em casa, é outra mãe que me ama permanentemente.

Então, não existe ruptura, estou absolutamente protegido de qualquer acidente, ferimento ou contrariedade, de qualquer carência. Temos, então, num polo a carência experimentada pelo

bebê desde cedo, de uma maneira muito ameaçadora.

Podemos imaginar um ser que esteve alimentado por 9 meses, quando pela primeira vez sente fome ou desproteção ou frio, ou que sente falta de aconchego de outro corpo. A carência é experiência de uma forma realmente avassaladora, como um monstro que pode me matar. Tudo isso na tenra infância.

De modo que a tentativa de reconstituir a unidade rompida, a unidade entre a criança e a mãe é permanente. É essa tentativa permanente de reconstituir essa unidade que cria essa dinâmica que nós chamamos de crescimento. Isto se verifica em cada ruptura e cada momento em que entro em contato com a carência, em que percebo que não sou completo, que não sou um todo indiferenciado do mundo, que não sou um todo indiferenciado do corpo materno, que tenho faltas, que a realidade não supre necessariamente esta falta e que ela não está aí como amiga e protetora, mas como minha inimiga e frustradora.

É dessa dinâmica entre o desejo de me sentir absolutamente pleno e a falta da carência afetiva que se faz o meu crescimento.

Na Psicanálise fala-se também em fixações. Fixações são momentos muito privilegiados da vida, de certa vivência de perfeição e de equilíbrio que nos marcam de tal forma que, quando encontramos um obstáculo mais à frente, tendemos a voltar a esses momentos. Falando simplificada-mente, uma fixação oral, por exemplo, seria uma tentativa de reviver, através da oralidade, dos prazeres da oralidade, certo prazer que compensa as frustrações que tive adiante, quando uma etapa foi difícil de atravessar.

Em geral se fala apenas de fixações infantis, quando as crianças, em seu desenvolvimento, tendem a se fixar em algumas fases bem sucedidas e a regredir a essas fases, quando o desenvolvimento está difícil, prejudicado ou confuso.

Nós nunca pensamos que esse mecanismo se reproduz pela vida afora, ou seja, um adulto que conseguiu, em certo momento, uma situação satisfatória e equilibrada, tende naturalmente a manter essa fixação. Temos que pensar nas fixações da vida adulta. Seria uma espécie de vontade de parar o mundo no momento em que ele está favorável para mim.

Talvez um momento muito típico da maioria das pessoas da classe média seja o dos primeiros anos de vida de casado: as pessoas que se casam e que têm essa primeira experiência de segurança, de formar um lar e ter filhos. Os filhos elegem os pais como ídolos e esse é um momento muito satisfatório para o próprio narcisismo, em que me sinto o rei ou a rainha dentro de casa.

Às vezes, também, é o momento de um pequeno progresso material, de um pouco de segurança profissional em que me sinto estimado naquilo que faço. Esse é o momento muito privilegiado para uma fixação, é o momento que a gente tende a perpetuar. Assim, também, certo momento da juventude em que começo a descobrir coisas, um momento em que me sinto muito sólido, sabido, inteligente, que começo a trocar coisas e experiências com meus colegas, é um momento de tal onipotência, que tendo a me agarrar a ele.

Gostaria de refletir um pouco com vocês, por que as pessoas vivem a dizer: "no meu tempo não era assim, no meu tempo as coisas se davam de outra maneira". No entanto, o tempo se dá teoricamente durante toda a vida, isto é, o meu tempo vai de zero anos até o momento em que a morte chega.

Por que temos essa tendência de dizer "no meu tempo..."?

Esse "no meu tempo" se refere, de maneira um tanto nostálgica, a esse tempo em que tivemos essa vivência onipotente que talvez seja o começo da idade adulta.

Um cronista que se lê e se vê muito pela televisão, Paulo Francis, que é um idoso bem sucedido, alguém, portanto, que teoricamente estaria na crista da onda, pois tudo o que escreve é lei, todo o mundo lê, apoia, tem leitores, é uma dessas pessoas que vivem a dizer que no seu tempo as coisas eram diferentes: "o Rio de Janeiro de um tempo era assim... o Rio do meu tempo era melhor, etc". Podemos, então, acompanhar tudo o que escreve, sem absolutamente desconhecer o brilho de sua inteligência e, ao mesmo tempo, a gente vai assistindo como se dá a cristalização de uma pessoa, isto é, uma pessoa que começa a enrijecer suas posições e tenta preservar, o tempo todo, as coisas num plano que para ela é sobejamente conhecido e dominado. De modo que esse alguém pontifica demais, estabelece muitas regras para as coisas e que, se não for da maneira como ele diz, as pes-

soas não estão com nada.

Não sei se vocês acompanham o que esse cronista escreve para os jornais daqui: estou dando um exemplo, porque é uma pessoa muito conhecida e comentada. Então, o que podemos dizer que acontece com Paulo Francis? A nosso ver, ele está nostálgicamente apegado a seu tempo que é, provavelmente, o tempo em que ele começou a sentir um pouco que dominava um espaço do mundo. E esse momento é de tal felicidade, de uma tal expansão metafísica e um momento em que me sinto tão bem comigo mesmo, tão engrandecido pelos conhecimentos e pelas informações, pelas coisas que aprendo, que eu quero de novo refazer este difícil percurso; e novamente entro em contato com a coerência, percebo que não sei tanto assim, que não posso tanto assim e novamente serei obrigado a me desequilibrar, entrar em crise e novamente ter que crescer. A partir de certo ponto, a pessoa diz: "o meu tempo é que vale!". O que é uma coisa absolutamente maluca, se vou pensar o que significa estabelecer que determinado momento da história, que tem milênios, é privilegiado. Nesse momento em que digo: "as coisas do meu tempo é que eram boas, a música do meu tempo, a literatura, a moral do meu tempo é que eram boas", essa é uma operação muito fantasiosa, na verdade. Embora as pessoas idosas aparentemente sejam mais realistas, sabem das coisas com muito mais realismo que os jovens, elas começam a tentar preservar uma fantasia, a fantasia de que elas se sentem seguras no seu tempo e então vão tentar fazer o seu tempo valer.

E "meu tempo" seria esse tempo em que, pela última vez, admiti estar um pouco nú perante o mundo e admiti me abastecer de conhecimento, de experiência, enfim.

E a partir desse momento, eu disse: "Agora chega. Agora vou colher os frutos disso". A partir daí, é como se começasse a se formar um vulcão subterrâneo, uma crise represada. Em vez de a vida continuar a se formar de permanentes crises e permanentes rupturas, a pessoa tende a abafar suas crises e a se fixar neste momento aparentemente vantajoso.

Qual seria a conclusão desta história? A conclusão seria a que diz que a criança tem que crescer, que o adolescente tem que crescer para deixar de ser tão chato, tão rebelde, tão desestabilizador do ambiente, tão infantil.

Fala-se que o jovem tem que crescer para assumir responsabilidades, para assumir família, criar filhos, crescer profissionalmente para sustentar sua vida. Mas, ninguém diz que o velho tem que crescer. Aparentemente ele já cresceu o suficiente. O que é uma mentira, ou melhor, uma fantasia.

Não seria uma mentira intencional, mas de qualquer maneira é uma fantasia, porque o idoso tem que continuar crescendo, mesmo que biologicamente ele esteja estagnado ou no declínio de toda a sua potência.

A energia psíquica transcende o biológico; isso podemos ver em pessoas que, em situação de paixão ou de muito envolvimento ou de luta, encontram em algum lugar de seu corpo uma reserva de energia aparentemente preservada. Uma pessoa que normalmente precisa dormir oito horas por noite, em determinado momento, quando é tomada por uma paixão, é capaz de ficar noites e noites sem dormir, sem se alimentar e assim mesmo sobreviver.

Quero dizer com isso que as reservas psíquicas de energia transcendem em muito as reservas biológicas, a não ser que, evidentemente, elas tenham alguma ligação com o biológico, que é desconhecida ainda, que a ciência não conhece. De qualquer maneira, o fato de o idoso decair ou declinar na sua potência biológica, não quer dizer que ele tenha que declinar psiquicamente, emocionalmente e mesmo intelectualmente. Na palestra anterior, do professor Dalmo Dallari, quando vimos como a sociedade atual trata o idoso, evidentemente pudemos notar que é o biológico que interfere.

E não estamos colocando aqui culpas; a pessoa parou de crescer porque quis.

A partir do momento em que tenho uma família para sustentar, que tenho obrigações sociais, é claro que a padronização do trabalho me obriga a levar uma vida tão padronizada que toda a possibilidade de ter trocas produtivas com o mundo se fecha para mim.

Tenho que viver nessa rotina de ir de casa para o trabalho e do trabalho para casa e isso, de certa forma, me envelhece, independente de quantos anos eu tenha. Isso me envelhece porque restringe muito a minha superfície de contato com o mundo. Em vez de eu ter uma planície à minha

frente, tenho um corredor, pois tenho que andar em linha reta para a frente, sem parar.

Isso, evidentemente, tem a ver muito com o social; e o que tem a ver com o emocional, ou essa vontade de eu não ser mais abalado em minhas seguranças. Talvez a responsabilidade de ter filhos num mundo que muda constantemente nos ameace demais. Eu preciso me manter muito estável para poder educar uma criança neste mundo tão instável. Mas, talvez esse seja um erro de avaliação. Eu não preciso estar necessariamente estável para educar uma criança neste mundo instável, porque senão eu crio um abismo entre aquilo que eu posso oferecer a essa criança e o mundo que aí está; e ela não vai poder conciliar as coisas e essa ruptura fica muito violenta. Ao contrário, eu preciso saber permanecer estável e instável ao mesmo tempo: estável naquilo que é meu eixo de personalidade, que tem certa fibra e não vai mudar todo dia; e instável no sentido de admitir o quão pouco sei, independente de ter 40, 50 ou 70 anos de idade.

É essa humildade que, acho, não deve ser apenas do idoso, mas do ser humano, que pode fazer com que essa experiência de vida do idoso passe a ser uma experiência valiosa. Porque acho que se usa muito um espécie de prêmio de consolação para o idoso, quando se diz: "bem, você está aí jogado em um canto, ninguém o leva a sério, você não tem uma posição social muito clara, mas você tem experiência, sua experiência é valiosa".

Isso é um prêmio de consolação no sentido de que, certamente, aquilo que eu vivi ontem não me serve para nada, para viver amanhã e muito menos serve para que meu filho viva amanhã. Aquilo que vivi ontem me serviu para ontem, ao mesmo tempo que deixou um aprendizado. Eu preciso pensar que qualidade de aprendizado é esse e que qualidade de experiência é essa. Não é exatamente a experiência dos fatos, porque os fatos também mudam e não adianta dizer: "olha, quando eu era da tua idade, eu também fui assim e vi que não adiantou nada". Em primeiro lugar, se não adiantou nada, é porque não entendi a minha passagem. Em segundo lugar, não fui assim como ele é, eu fui de um jeito talvez análogo, mas não igual. E em terceiro lugar, o mundo com o qual eu me realcionava não é o mesmo com o qual o meu filho se relaciona. Então, minha experiência, nesse sentido, vale muito pouco. É como dizer: "eu sei que você vai se machucar nas primeiras experiências sexuais, porque também eu me machuquei".

Isso não é verdade, eu não posso saber.

Mas outra experiência me serve de alguma coisa: é a experiência de meus limites, ou seja, se eu sei aproveitar de uma outra experiência que contradiz minha onipotência e não a que confirme a minha onipotência.

É a experiência do quão pouco sei e não a experiência do quanto eu sei. Se eu soubesse aproveitar essa experiência, talvez eu pudesse ensinar alguma coisa a meu filho, alguma coisa útil, que não é nenhuma regra sobre a vida, mas é uma maneira interna de lutar com as dificuldades. É a partir de uma posição de humildade que a experiência vale: humildade que se contrapõe à onipotência e nisso é que se impede a humilhação.

Não quero, de forma alguma, emparelhar humildade com humilhação. A humilhação que o idoso sofre frequentemente na sociedade é que é muito dolorosa e que é muito castradora, quando ele se vê confrontando, a partir de uma fantasia de que ele pode muito e sabe muito e, de repente, é violentamente confrontado com alguém que não pode nada e não sabe nada. Essa é a humilhação permanente do idoso. A humildade se contrapõe à possibilidade de humilhação, a partir do momento em que eu admito que continuo aprendendo, de modo que ninguém pode me chamar de ignorante.

Ninguém pode me dizer isso porque admito que posso aprender com qualquer ser humano. Mas, a partir do momento em que alguém vem jogar regras sobre minha cabeça, posso dizer: "admito que tenho que aprender, mas você também tem". Então, é essa possibilidade de humildade que nos evita a experiência da humilhação, mas para isso, eu preciso admitir aquilo que chamo de "castração", que não é do idoso, mas do ser humano, isto é, meu limite em relação ao mundo, o pouco que eu posso, o pouco que conheço, o quanto eu tenho que saber, o pouco que posso sozinho.

Essa experiência vem desde a primeira infância e vem com muita dor, porque a castração infantil é maior que a adulta, porque o adulto pode tudo e a criança não pode nada. A castração da criança é realmente avassaladora e é na infância que eu começo a criar uma espécie de reserva de fantasias psíquicas contra a castração: fantasias de onipotência, de que eu posso muito; é no momento em que a criança começa a fantasiar que com uma espada do He-Man ela vai conquistar todos os

exércitos, ela vai fazer o mundo virar a favor dela. É essa fantasia infantil que é uma espécie de compensação contra a castração, entendida aqui no sentido dos limites de meus poderes, daquilo que eu posso em relação ao mundo. Só que esta fantasia da infância até faz algum sentido. O crescimento seria poder superar esta fantasia.

É engraçado, porque, quanto mais adulto eu sou, quanto menos recursos tenho e quanto mais eu posso, mais eu posso admitir que eu não posso. Não sei, isso aparentemente seria um paradoxo. Mas não é. Se eu nada posso, tenho fantasias que posso muito, porque me sinto extremamente ameaçado. A criança de colo tem fantasias (que são hipóteses na psicanálise, porque não são fruto de uma verificação empírica) e constrói fantasias de que ela pode destruir o mundo com sua força, que ela pode englobar a mãe com seu amor e controlá-la e, no momento, ela não pode absolutamente nada.

Então, quanto menos eu posso, mais eu preciso fantasiar que posso para me compensar desse temor. E se a experiência de castração é aterrorizante na infância, na primeira infância, ela vai ser menos aterrorizante à medida que eu, de crise em crise, vou adquirindo mais recursos para lidar com a realidade e vou podendo um pouco mais, vou tendo um pouco menos de medo de não poder. E daí, posso admitir que não posso mesmo.

Dessa forma, se o idoso tivesse esse tipo de condição interna de amadurecer, teria condições ideais de lidar com a castração, mais do que um jovem. E ele poderia dizer a esse jovem: "Olha, há muita coisa que eu não pude fazer, que talvez você possa melhor do que eu. Há muitas coisas que admito que errei, que não tenho razão muitas vezes, que não sei e que posso aprender com você". Isto é, o idoso teria melhores condições que o jovem de lutar contra essa ruptura permanente entre o "eu" e o mundo. Ele vai tendo, cada vez mais, piores condições quanto mais ele se fixa naquilo que vai chamando de "seu tempo", ou "o tempo em que me senti confortável no mundo, o tempo em que me senti adaptado e no qual não quero mexer".

Mais uma consideração a respeito do que acontece. Eu falei da sociedade no sentido dos meios de produção, do esquema de trabalho e de como ele nos aprisiona. Não vamos nos esquecer aqui do grande motor do pensamento social que é a "indústria cultural", e seu representante máxi-

mo, a televisão, ou a telenovela e também o jornalismo, os meios de comunicação, enfim.

A indústria cultural valoriza muito o jovem, reforça e colabora para criar no idoso a consciência de estar fora do palco da vida social. É quando o idoso aparece ou vem como figura folclórica ou como figura inofensiva, engraçada, como uma figura, enfim, que não tem nada a acrescentar, a não ser um pouco do resto daquele tempo nostálgico em que tudo era tão bom, em que tudo era tão confortável. O que também é uma mentira, pois o idoso de hoje, quando foi jovem, também viveu num mundo de crise. E nós mesmos também imaginamos que o tempo de nossos avós é que foi bom.

Isto quer dizer que sempre há na cabeça de todos uma representação do que foi a vida na primeira infância e na vida uterina, que é esse tempo sem crise e que foi o daqueles que nos precederam; e, ainda mais, a representação reforçada pela fantasia daqueles que nos precederam de que realmente no seu tempo as coisas eram mais confortáveis, mais interessantes e mais fáceis. Não vamos nos esquecer que o tempo de nossos avós foi o tempo de suas guerras mundiais; então, essa fantasia tem que ser desmascarada. Não é verdade que o tempo de nossos avós era um tempo mais estável, mais confortável e de valores mais equilibrantes, pois foi o tempo do Holocausto, por exemplo.

Outro fato é que a indústria cultural, valorizando o jovem e colocando o velho apenas como representante desse tempo fantasioso, de equilíbrio, de conforto e harmonia e tirando o velho da dinâmica social, pois quem faz a dinâmica social são os jovens, aparentemente ela estaria reforçando e colaborando muito com a dinâmica das crises, das mudanças constantes do mundo.

Mas, na verdade, se formos pensar um pouco, vamos verificar o que a indústria cultural faz. Vejo pouca novela, mas nos anos 70, fiquei, em função de uma tese, dez anos vendo a novela das 8, da Globo, tentando entender um pouco quem eram os heróis dessas novelas. Há um momento, na metade dos anos 70, em que o herói deixa de ser um adulto para ser um jovem, cada vez mais entra o conflito de gerações na novela, cada vez mais existe o jovem rebelde, o jovem que quer sair de casa, que briga com a mãe e cada vez somos levados a pensar que a TV está tendo um papel quase educativo de admitir e promover a mudança que é necessária

para se seguir vivendo sem se cristalizar. Ocorre, no entanto, que observando o desenvolvimento de uma novela, os jovens são postos lá para envelhecerem o mais rápido possível, isto é, o que a TV quer é que o jovem se estabilize. O que a propaganda quer é que o jovem saiba o que quer desde os 15 anos; o que a publicidade quer é que o jovem tenha uma cabeça muito segura. Enfim, o que a publicidade, a televisão e a telenovela querem é que o jovem seja velho o mais rápido possível, pois enquanto ele é jovem, ele desestabiliza as coisas que estão firmes. Ele pode ter 15 anos e pode até manter relações sexuais, mas ele não pode ter conflitos. Conflitos são coisas de gente fria e desequilibrada e ele pode ter conflitos durante um certo período só para restaurar rapidamente a normalidade.

A exagerada presença dos jovens nos meios de comunicação é uma espécie de faca de dois gumes. Por um lado, é claro, o jovem é mercado e a televisão vai atrás de seu mercado, e não há mal nenhum nisso, engrandece o mercado e cumpre o seu papel. Por outro lado, ela tem um papel educativo de promover no jovem uma auto-imagem de velho. Estou dizendo velho e não idoso. Velho aqui tem um sentido pejorativo, o daquela pessoa que cessou de se transformar, independente de sua idade.

O jovem tem rapidamente muitas certezas, tem rapidamente um encaminhamento profissional, uma estabilidade afetiva e emocional e deixa então de constatar essa fantasia de harmonia.

Estou frisando o fato de que isto é uma fantasia. Não sou contra a harmonia, não quero dizer que as coisas devam estar nos machucando e nos incomodando o tempo todo, mas o fato é que é muito mais fantasioso desejar uma harmonia precoce e estabelecida artificialmente num mundo que está hoje em desarmonia. E isso não é uma escolha minha ou da psicanálise.

E seria bom ainda poder pensar por quê os jovens reiteram e investem tanta libido, tanto erotismo em fantasias apocalípticas.

O jovem parece hoje querer apressar o fim do mundo, porque é esse o tema da música, o tema da fala e de certo discurso de um certo jovem que se coloca como contestador. Por que esse jovem parece desejar o fim do mundo? Não que ele peça explicitamente o fim do mundo, mas ele está celebrando e conclamando o fim do mundo e, com

garra, que é como se estivesse investindo esperanças nisso. E que tipo de esperança é investida no fim do mundo, na bomba, no apocalipse? Por que o rock, a música punk, que representa essa ala da juventude que se diz contestadora, fala e dramatiza isso tão obsessivamente?

É esse o abismo entre a estabilidade interna que eu quero ter e que a ideologia promove para ter, a indústria cultural me envolve para que eu tenha, assim como meus pais me exigem. Essa a estabilidade que é exigida, para que eu tenha rapidamente que me adaptar ao mundo, que o mundo quer de mim, a terrível instabilidade das relações sociais e pessoais nesse mundo.

Eu só posso transpor esse abismo se eu tentar congelar esse mundo num grande juízo final: "Vamos estourar logo essa bomba, pois aí estaremos num mundo conhecido". É claro que essa fantasia é terrível e é de desesperança. É claro que investir nessa fantasia significa que o jovem está dentro de uma impossibilidade, que ele não consegue mais harmonizar sua necessidade de dinâmica e crescimento e sua crise interna com a crise externa do mundo. Então, é preciso olhar para esses jovens, não com desprezo e dizer como alguns adultos: "Que horror! Como vocês são mórbidos! No meu tempo os jovens não pensavam nessas coisas!". Mas, sim, olhar para essa grande liquidação final que os jovens querem fazer do mundo,

com um pouco de compreensão e de carinho, até. Porque parece mais confortável para um garoto de 19 anos falar de morte e do extermínio final do que falar da vida. Que mundo é esse, em que nós adultos promovemos a morte em vida, promovemos uma ideologia, uma mentalidade em que a morte se instala aqui? A morte, no sentido de cessação do movimento, de fim dos conflitos, de modo que só resta às pessoas que ainda esperam ter algum poder transformador, conclamar à grande morte final, que talvez não tenha que vir. Mesmo porque já houve, na história, momentos em que a humanidade celebrou o Apocalipse. No fim do primeiro milênio, houve um momento assim. O que estava no inconsciente coletivo, talvez, era o medo de alguma mudança que já se fazia necessária.

E então se fala em morte, porque é mais fácil pensar no fim da vida do que pensar nessa instabilidade e nessa ameaça que a vida representa à nossa segurança.

É esse tipo de coragem que precisamos ter, talvez, não querendo ser jovem permanentemente, porque é impossível, mas vivendo junto com os jovens, enfrentando com eles o que eles enfrentam, de outra posição, de outro lugar. Enfim, é a coragem de ter a minha segurança pessoal questionada permanentemente. É nesse sentido que podemos falar do crescimento do idoso.





Perfis de Condições Habitacionais e Situações de Bem-Estar de Alguns Residentes em Viçosa, Minas Gerais

O idoso precisa se sentir, antes de mais nada, como pessoa que faz parte da sociedade, que pode ter alguma limitação (como qualquer pessoa), mas que também possui potencial, espaço e que pode desenvolver atividades que lhe proporcionem prazer e satisfação.

AURORA RIBEIRO DE GOICOCHEA

Professora Adjunta
Universidade Federal de Viçosa

ELIAMAR CAVALEIRO DE MORAES COELHO

Economista Doméstica

1 - INTRODUÇÃO

Ainda que o bem-estar não se resume no acúmulo de bens materiais (Casseres, citado por MINIONI, 1982), a propriedade de uma casa ou um apartamento dá ao aposentado a sensação de segurança e bem-estar (COHEN, 1972 e GRAZ, 1972). Tanto o ambiente exterior quanto o interior têm muito a ver com o nosso conforto diário, segurança e sensação de bem-estar (COMPTON e HALL, 1972). Nesta perspectiva, LAWTON e COHEN (1977) citaram o impacto da habitação na redução das funções físicas como justificativa para a satisfação ou insatisfação do idoso com sua habitação. "Além disso, a autopercepção pode ser influenciada pela facilidade de desempenho em casa e na comunidade. A arquitetura das residências pode ter um efeito significativo sobre as pessoas que vivem dentro delas" (AGAN et alii, 1977).

Segundo LINDAMOOD e HANNA (1981), "a habitação de uma pessoa idosa talvez seja mais importante que a daquelas de meia-idade, pois ela passa mais tempo no interior da unidade. A maior parte das atividades são realizadas na casa ou perto dela, as limitações físicas têm mais possibilidade de surgir e quaisquer acidentes podem ser mais graves". Com a idade as células perdem parte de sua capacidade funcional bem como decresce seu número. Com isto, os estímulos nervosos têm a velocidade de transmissão diminuída dentro das fibras nervosas, resultando respostas lentas dos nervos. Isto aumenta a probabilidade de as pessoas idosas sofrerem acidentes de vários tipos, por exemplo, uma queda causada por uma irregularidade no chão (BURNSIDE, 1979).

Assim, o planejamento da construção (ou a reforma) de uma casa, além de "ser precedido pelo estudo dos hábitos da vida dos futuros ocupantes, determinando-se o tipo de casa que mais convenha às suas necessidades, em relação às atividades diárias que exercem" (SIMONINI, 1979), deverá também ser precedido pelos comentários e recomendações de diversos autores sobre características habitacionais para idosos. Como exemplo, BURNSIDE (1979) relata que a luz é parte do ambiente físico para aqueles que enxergam e pode afetar o humor, a orientação e a capacidade funcional.

As alterações da visão em cada década da vida, após a idade de 50 anos, exigem duas grandes adaptações à iluminação normal: os reflexos devem ser reduzidos; e a intensidade da luz precisa ser aumentada à medida que aumenta o envelhecimento, a fim de que a pessoa conserve uma visão eficiente e útil. As lâmpadas de mesa, embora reduzam os reflexos, tendem a formar luz e sombra, exigindo uma adaptação da vista, que é diminuída nos idosos. Uma certa luz global é necessária.

Considerando entradas ou acessos, as residências de um pavimento são mais desejáveis para pessoas com mobilidade limitada. Se houver necessidade de declives em entradas ou acessos, pelo menos um deve ser em rampa - "a declividade não indo além de 30cm de elevação para cada 3,6 metros de comprimento da rampa". Em pelo menos um dos lados da rampa devem-se instalar corrimões a uma altura de cerca de 80cm. Também deve haver um espaço aberto, adjacente à porta, de pelo menos 1,5 metro quadrado de amplitude. As entradas ou áreas de circulação devem ter pelo menos 90cm de largura e devem ser livres de atropelos; as portas devem ser relativamente leves (AGAN et alii, 1977).

As rampas devem ter superfícies não escorregadias, largura mínima de 91,5cm, corrimão em pelo menos um dos lados (de preferência nos dois lados, para aqueles que, podendo andar sem muletas, ainda, assim, precisam de um apoio). Devem possuir, além disso, um patamar horizontal de pelo menos 152 por 152cm, se a porta se abrir para o patamar ou para a rampa (ONTÁRIO, 1977).

As escadas devem ser evitadas nas construções para idosos, mas no caso de sua presença ser indispensável, de acordo com ONTÁRIO (1977), devem ser colocadas em prática as seguintes nor-

mas: os degraus devem ter espelhos; degraus com pisos salientes, em relação aos espelhos, devem ser evitados; não se deve adotar solução que implique construir apenas um ou dois degraus; degraus com menos de 10cm de altura são perigosos; as escadas devem possuir pelo menos um corrimão que deverá prolongar-se, no mínimo, 46cm além do primeiro e do último degraus (em parede contínua); nenhuma porta deverá abrir-se diretamente no alto de uma escada ou girar de forma a obstruir o primeiro ou o último degrau; as superfícies não devem ser escorregadias e, se revestidas de tapete, este deverá ser firmemente preso (isto não só no caso de escadas); usa-se um abrasivo de óxido de alumínio como tratamento para tornar degraus de marmorite não escorregadios; degraus de madeira ou de aço podem ser revestidos de pisos pré-moldados ou atapetados. Corrimões e balaustrês devem ser firmemente fixados; a altura recomendada para adulto é de 76cm; devem ser contínuos; o diâmetro não deve exceder 44mm para adultos; deve haver um espaço livre de pelo menos 37mm entre o corrimão e a parede; os suportes devem ser fixados abaixo do corrimão; é recomendado que o corrimão de interiores seja de madeira dura e bem polido. Se for de metal, deve ser coberto com um material termoplástico (ONTÁRIO, 1977). BURNSIDE (1979) sugere que os corrimões devem estar presentes em ambos os lados dos corredores usados por idosos com problemas de locomoção.

As portas devem ter, pelo menos, 81cm de largura (portas de duas folhas não são apropriadas para pessoas com deficiências físicas, a não ser que funcionem com um impulso único ou que uma das metades tenha, no mínimo, 81cm de largura) (ONTÁRIO, 1977).

Segundo AGAN et alii (1977), desníveis, por menores que sejam, exigem elevações. Estas "elevações entre os portais são perigosas tanto para as pessoas em cadeiras de roda, quanto para os que caminham com dificuldade e que se arriscam a tropeçar sobre a área elevada. Se a passagem precisa ter uma elevação (para deter a água, por exemplo), esta não deve passar de 1cm e deve ser feita de material que possa ser comprimido sob pressão. Pintar a elevação da passagem com uma cor contrastante pode reduzir o potencial de acidente.

Os quartos devem ter espaços suficientes para que os idosos e deficientes movimentem-se com facilidade em seu interior (AGAN et alii, 1977).

BURNSIDE (1979) acrescenta que estes devem possuir uma dimensão suficiente para permitir o uso de dispositivos auxiliares, tais como cadeiras de rodas, bengalas e muletas. "O espaço médio necessário para uma cadeira de rodas fazer a volta completa é de 157,5cm" (ONTÁRIO, 1977). De acordo com PANERO e ZELNIK (1983), as dimensões mínimas, indicadas para um quarto, que permitam a entrada e o giro de 360º de uma cadeira de rodas (aos pés da cama) são as seguintes: lateral da cama (pelo menos uma lateral) com 80cm; zona de circulação aos pés da cama com 229 x 137cm.

Para ONTÁRIO (1977), os pisos devem ser duráveis, elásticos, de aparência agradável e fáceis de limpar, bem como, concordando com AGAN et alii (1977), devem ter um revestimento não escorregadio e que não dificultem as manobras; no entanto, a pavimentação varia de acordo com as diferentes incapacidades das pessoas.

Existem algumas vantagens e desvantagens no uso do carpete como revestimento de soalhos, a saber: vantagens, os carpetes reduzem o ruído e a incidência de escorregões e de quedas. Mesmo no caso de queda sobre um assoalho carpetado, o risco de contusão é menor. Algumas desvantagens: os carpetes não permitem um bom deslizamento de equipamentos com rodas; a eletricidade estática é um problema, quando a umidade relativa é escassa; o ruído de aspiradores de pó pode ser irritante para o idoso; os fios e tubos dos aspiradores elétricos podem criar riscos especiais; cheiros desagradáveis, provocados por urina, restos de comida ou vômitos podem ficar retidos por muitos dias, além de exigir limpeza especial.

"Planejar um banheiro é diferente de planejar qualquer outra peça da casa. Aqui, os aparelhos, depois de instalados, não podem ser mudados de lugar. Assim, é preciso pensar cuidadosamente antes de tomar decisões. Um ponto básico na concepção do banheiro é a previsão de futuras necessidades" (DIAS, 1983). AGAN et alii (1977) afirmam que é essencial que os banheiros estejam próximos aos quartos e sejam maiores que os comuns, que sejam grandes o suficiente para manobrar uma cadeira de rodas ou ter um apoio para andar. "Barras para apoio devem ser colocadas perto do banheiro, chuveiro, pia e vaso sanitário. Estes corrimões devem ter uma superfície não-eskorregadia e ser capazes de suportar de 113 a 137 quilos". BURNSIDE (1977) acrescenta que as barras devem ser colocadas de modo que elas possam

ser usadas por pessoas destros ou canhotas, com o ângulo de preensão projetado para a posição de uma pessoa sentada.

Sem dúvida, a habitação do idoso que apresenta estas características, de acordo com suas necessidades, facilita suas atividades, sua locomoção e proporciona seu bem-estar, uma vez que o idoso passa grande parte do tempo em casa (COHEN, 1972 e GRAZ, 1972), mas isto não é suficiente para proporcionar seu total bem-estar. O idoso precisa se sentir, antes de mais nada, como uma pessoa que faz parte da sociedade, que pode ter alguma limitação (como qualquer pessoa), mas que também possui potencial, espaço e que pode e deve desenvolver atividades que lhe proporcionem prazer e satisfação (BARROS, 1981).

"Há apenas quatro anos, um grupo de médicos e enfermeiros do Reino Unido achou necessário acentuar que a pessoa idosa é um indivíduo diferente dos outros, com necessidade de atividade criadora, de isolamento e de camaradagem em ocasiões apropriadas, e com o direito de ser consultada e de escolher em todas as questões que afetam a sua saúde e seu bem-estar" (BLAND, 1979). Não só o estado de saúde física, mas o emocional e o mental vão ajudar a definir o bem-estar do idoso e a maneira como ele define e/ou questiona a velhice (DEBERT, 1988).

Conforme afirma Simone de Beauvoir, citado por BOLLSANELO (1979), "encontrar ocupações é uma questão de suma importância para pessoas mais velhas". Acrescentando, para ALBORNOZ (1986), o trabalho é também um direito, uma vez que por meio dele o homem se faz, aparece, cria o seu mundo, torna-se conhecido e deixa marcas de sua passagem no planeta em que vive. A pessoa acima dos 60 anos de idade faz parte de um ciclo de vida em que pode projetar, criar, produzir, viver e ser feliz. Ela possui um espaço que é seu, por direito, que deveria estar reservado na sociedade, nas famílias e nas residências, conforme afirma o Dr. Nelson Senise, citado por SÁ (1987). Mas, é difícil definir a partir de quando uma pessoa é idosa, pois o processo de envelhecimento varia de um indivíduo para outro. Enquanto alguns são ainda ativos aos 80 anos, outros aos 60 anos já estão "caducos" (VALENZA, 1987). "Envelhecimento é inação, e esta pode dar-se em qualquer idade, porque a vida é transformação, realização no sentido de modificação, profundamente vinculada à idéia de trabalho, utilidade e sentido" (SALGADO, 1984).

Por fim, o presente referencial teórico, além de direcionar os procedimentos metodológicos e fundamentar os resultados e conclusões deste estudo, inspirou os seus propósitos, ou seja: descrever analiticamente aspectos das condições habitacionais de idosos, a satisfação destes com as suas casas, as suas situações físicas e emocionais, de forma a desvendar e apreciar as condições habitacionais e de bem-estar dos mesmos e verificar a aplicabilidade deste referencial teórico à realidade viçosense.

2 – DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O Município de Viçosa, localizado na Zona da Mata de Minas Gerais, é o mais importante da microregião que tem o seu nome (Mata de Viçosa – 192). O progresso verificado na atualidade, nesta cidade, é, contudo, fruto da implantação da Universidade Federal de Viçosa. Os vários cursos de graduação e de pós-graduação oferecidos pela Universidade atraem centenas de estudantes da região e de outros Estados, professores e pesquisadores do país e do exterior. A presença da Universidade é o principal fator do desenvolvimento da indústria de construção e do comércio, atividades que se colocam entre as mais dinâmicas da cidade.

A densidade populacional do município, em 1980, era de 129,6 habitantes por km², muito superior à densidade média do Estado (23-24 habitantes/km²) e, inclusive, à da própria microregião Mata de Viçosa. A população urbana cresce desde 1950, mas há vinte anos o ritmo tornou-se mais acelerado, pois, a população residente na zona urbana vem aumentando em mais de 80% em cada década, ou seja, essa população quase dobra em cada 10 anos. A taxa de urbanização, que em 1970 era de aproximadamente 66%, passou para 80,6% em 1980. É a taxa mais alta da microregião Mata de Viçosa e mais elevada que a taxa média do Estado (57,11%). A maior parte dessa população urbana concentra-se na sede, que era aproximadamente 38.686 habitantes em 1980, 43.200 habitantes em 1983 e 44.596 habitantes em 1985. A composição da população por sexo é equilibrada. Em 1980 registrou-se um número maior de mulheres que de homens, apesar de a proporção entre estes elementos ter-se alterado ligeiramente. Nesta época, a população urbana de Viçosa, acima de 70 anos de idade, representava aproximadamente 2,5% da população (Quadro 1).

QUADRO 1
População urbana, acima de 50 anos de idade, em Viçosa/MG, 1980

Ano	Idade		
	50 – 59	60 – 69	Acima de 70
1980	2.809	1.655	983

Fonte: FUNDAÇÃO IBGE

3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o presente estudo, foram identificados aproximadamente 3,2% da faixa etária “acima de 70 anos” (Quadro 1); precisamente trinta e quatro idosos, sendo vinte e três do sexo feminino e onze do sexo masculino, cujas idades variavam de 70 a 92 anos (Quadro 2).

Procedeu-se à identificação destes indivíduos por meio das informações de pessoas conhecidas, amigos, vizinhos e/ou parentes dos mesmos, além da observação de alguns critérios preestabelecidos, como:

- Idade a partir de 70 anos, uma vez que nesta faixa etária, normalmente, o indivíduo apresenta maior predisposição para dar informações sobre suas experiências de vida e gosta de ser ouvido. Também está sujeito a limitações físicas, decorrentes do declínio orgânico ao longo do avanço da idade e/ou acidentais, assim como ao uso de elementos auxiliares (bengala, muleta, cadeira de rodas etc.).

- Lucidez que possibilita ao idoso comunicar realmente o seu bem-estar.

- Residirem no centro de Viçosa ou nos bairros mais antigos da cidade, onde normalmente vive a maioria das pessoas de classe média e alta com mais idade.

QUADRO 2

Distribuição de freqüência dos idosos, segundo faixas etárias. Viçosa/MG, 1988

Faixas Etárias	Idoso	
	Nº	%
70 - 71	7	20,60
72 - 73	2	5,88
74 - 75	2	5,88
76 - 77	4	11,77
78 - 79	5	14,71
80 - 81	2	5,88
82 - 83	3	8,82
84 - 84	3	8,82
87 - 88	3	8,82
90 - 91	1	2,94
92 - 93	2	5,88
TOTAL	34	100,00

A população idosa identificada para o presente estudo era heterogênea quanto ao grau de instrução (Quadro 3). Porém, é plenamente de acordo com os critérios já descritos para a sua seleção.

Estes indivíduos foram visitados pela segunda autora deste trabalho, que os entrevistou, utilizando um roteiro semi-estruturado e pré-testado. A entrevistadora utilizou também a observação "in loco" durante a coleta de dados e fotografou as fachadas de algumas casas.

QUADRO 3

Distribuição de freqüência de trinta e quatro idosos, segundo o grau de instrução. Viçosa/MG, 1988

Grau de Instrução	Idoso	
	Nº	%
Primário incompleto	7	20,60
Primário completo	9	26,48
Primeiro Grau incompleto	2	5,88
Primeiro Grau completo	6	17,64
Segundo Grau completo	2	5,88
Superior	6	17,64
Sem estudo *	2	5,88
TOTAL	34	100,00

* Lêem e escrevem muito pouco e aprenderam com a Bíblia.

A primeira etapa da operacionalização dos dados de campo, assim coletados, foi a tabulação manual da sua maioria; enquanto a segunda foi a descrição analítica dos dados, ilustrada com distribuições de freqüências absolutas e relativas, números das mesmas espécies, depoimentos e fotografias, e, às vezes, fundamentada pelo referencial teórico introdutório, à guisa de resultados, de inferência e de conclusão transparentes, coerentes e sistematizadas.

4 - RESULTADOS E CONCLUSÕES

Entre os trinta e quatro idosos pesquisados, havia dois casais, logo, foram observadas e analisadas trinta e duas residências, que estão localizadas no centro de Viçosa/MG, com exceção de duas que se encontram em bairros afastados. Apenas uma casa era alugada, outra pertencia à filha de um idoso e as demais (trinta) eram de propriedade dos próprios moradores.

Somente três (9,37%) das residências foram construídas recentemente. A maioria (90,63%) foi construída na década de 30 e apresentam aspectos comuns, como: preservação da fachada (50%), telhado composto por várias águas (60%), pé-direito alto (50%), pequeno quintal (40%), sobrado (31%).

Essas casas não se enquadram no estilo clássico brasileiro, uma vez que tiveram influência inglesa e, principalmente, francesa. Mas, sofreram algum tipo de reforma ou alterações no seu interior, a saber: trinta e um banheiros (96,87%), dezenove quartos (59,37%) e vinte e cinco outras áreas da habitação (78,12%) foram modificados. Essas mudanças, na maioria das vezes, executadas por iniciativa dos próprios idosos, tiveram como objetivo atender melhor aos seus ocupantes, proporcionando-lhes maior conforto.

Outra característica marcante no estilo das casas é o grande número de janelas altas, estreitas e de madeira com vidro. Em um pouco mais de 50% das residências, essas janelas foram substituídas por outras mais largas e amplas e, geralmente, de vidro, ou então por janelas tipo bascula. Há suficiente iluminação natural e ventilação no interior destas residências. O que ocorre também com a iluminação artificial, pois apresentam pontos de luz central no teto e localizados em cabeceiras e espelhos. Há uso de luz direta e indireta.

Entre as habitações analisadas, vinte e duas (64,70%) apresentam escadas, sendo que há corri-

mão em apenas nove. Os idosos residentes nestas habitações reconhecem a necessidade de corrimão nas escadas. Enquanto os outros treze, residentes em casas com escadas sem corrimão, o que não está de acordo com as recomendações de ONTÁRIO (1977), não sentem necessidade do mesmo. As escadas, em sua maior parte, atendiam vários requisitos sugeridos por ONTÁRIO (1977), como: degraus com espelhos, pisos não salientes em relação aos espelhos, espelhos com mais de 10cm de altura. Houve outro caso de irregularidade, onde uma porta abria-se diretamente no alto de uma escada.

Ainda são preservadas portas de duas folhas, embora a maioria tenha sido substituída por outra de uma folha, medindo 80cm de largura, estando de acordo com ONTÁRIO (1977) e o fato de apenas dois fazerem uso de elementos auxiliares (bengala), esta largura é suficiente para transitarem sem problemas. Um a usava por motivo de precaução e outro porque sofrera um acidente durante a juventude, e passou a ter problemas de articulação no joelho.

Todas as residências apresentavam desníveis, mas apenas dois idosos demonstraram insatisfação, em relação à presença desta característica nas suas habitações.

Os corredores existentes em dezenove habitações (Quadro 4) apresentavam de 1 a 2 metros de largura. A largura destas áreas de acesso e circulação está de acordo com as recomendações de AGAN et alii (1977).

QUADRO 4

Distribuição de freqüência de trinta e quatro idosos, segundo a satisfação com a iluminação natural e artificial, a largura das portas, escadas e corredores. Viçosa/MG, 1988

Características Habitacionais	Residências		Idoso Satisfeito		Idoso Insatisfeito	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Ilumin. natural	32	91,18	31	91,18	3	8,82
Ilumin. artificial	32	100,00	34	100,00	-	-
Exist. de desníveis	32	94,12	32	94,12	2	5,88
Larg. das portas	32	100,00	34	100,00	-	-
Larg. das escadas	22	95,46	21	95,46	1	4,54
Larg. dos corredores	19	94,74	18	94,74	1	5,26

Observando o Quadro 4, verifica-se que a satisfação dos trinta e quatro idosos com a iluminação natural e artificial, bem como com a largura das portas, escadas e corredores, foi acima de 90%.

A área, em metros quadrados, dos cômodos das residências era suficiente para o desempenho de atividades. Os quartos, em geral, eram usados para descanso e troca de roupas. As áreas de circulação, da maior parte das residências, apresentaram espaço suficiente, bem como outras partes ou aposentos onde são desempenhadas diversas atividades. Na maioria dos banheiros havia espaço suficiente para uso com higiene pessoal, necessidades fisiológicas e circulação. Portanto, quanto à dimensão, em metros quadrados (área útil), dos aposentos, houve grande satisfação dos entrevistados, como se pode observar no Quadro 5.

Em todas as residências havia mais de um tipo de piso. Ninguém reconheceu os seus pisos como derrapantes. Os seis casos de insatisfação devem-se a outros fatores (Quadro 6). Houve apenas um caso de queda (em escada), onde o piso era de cimento liso queimado.

Nos pisos eram usados ladrilho e tábua corrida, sendo que esta ainda permanece, embora tenha sido substituída também por tacos, principalmente, e por carpete. Já os ladrilhos foram substituídos por cerâmicas vitrificadas, pois, segundo depoimentos, "são mais bonitas, alegres e fáceis de limpar".

Os pisos de madeira de algumas residências receberam algum tipo de acabamento, com sinteco (34,37%) e cera (31,25%). Entre os treze casos de piso de madeira com nenhum acabamento, oito deles não o receberam por opção dos idosos que preferiram pisos antiderrapantes.

QUADRO 5

Distribuição de freqüência de trinta e quatro idosos, segundo a satisfação com a dimensão (m²) dos aposentos das residências. Viçosa/MG, 1988

Aposentos	Idoso Satisfeito		Idoso Insatisfeito		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Quarto	31	91,18	3	8,82	34	100
Banheiro	30	88,23	4	11,77	34	100
Outras Áreas	27	79,40	7	20,60	34	100

QUADRO 6

Distribuição de freqüência dos idosos, segundo o nível de satisfação em relação ao material dos pisos das residências. Viçosa/MG, 1988

Piso Material	Idoso Satisfeito		Idoso Insatisfeito	
	Nº	%	Nº	%
Taco	14	41,18	1	2,94
Tábua corrida	15	44,12	3	8,82
Cerâmica vitrificada	31	91,18	2	5,88
Carpete	4	11,77	-	-
Cimento	3	8,82	-	-
Mármore	2	5,88	-	-
Paviflex	1	2,94	-	-

Considerando a localização do banheiro, houve maior satisfação quando este se abre para a cozinha ou no quarto (Quadro 7). A maioria dos idosos não acha que os banheiros devam estar localizados próximos ao quarto, contradizendo AGAN et alii (1977). Isto pode ocorrer pelo fato de nunca terem feito uso de banheiro próximo ao quarto, desconhecendo, assim, sua funcionalidade, principalmente, durante a noite.

As residências que possuem suítes, atualmente, sofreram adaptações ao longo dos anos, visto que os banheiros foram acrescentados ou reformados. A dimensão, o piso, a iluminação e a localização destes satisfizeram os idosos, uma vez que os materiais empregados no acabamento e as mudanças foram opções dos próprios idosos. Apenas um caso de insatisfação do casal foi constatado em relação às mudanças executadas no banheiro por um filho casado. Este "modernizou" o banheiro, trocando as peças antigas (de grande valor estimoativo para os pais) por novas, adaptando boxe e fazendo outras inovações. O resultado é que, além de ficarem magoados, rejeitaram o "novo" banheiro. Eles não foram consultados e nem ouvidos, antes e durante a reforma.

QUADRO 7

Distribuição de freqüência de trinta e quatro idosos, segundo a satisfação com a localização do banheiro. Viçosa/MG, 1988

Localização	Idoso Satisfeito		Idoso Insatisfeito	
	Nº	%	Nº	%
Dentro do quarto	10	29,42	-	-
Próximo ao quarto	2	5,88	1	2,94
Abertura p/ cozinha	13	38,23	3	8,82
Abertura p/ côpa	4	11,77	-	-
Abertura p/ sala	-	-	1	2,94

Não foi observada a existência de barras de apoio em nenhum banheiro e os trinta e quatro entrevistadores não sentiram necessidade desse elemento, provavelmente por se encontrarem em boas condições físicas. Apenas um deles apresentava dois problemas de saúde: surdez e reumatismo, como se pode observar no Quadro 8. Entre os demais, só nove (26,50%) apresentaram limitações físicas ou problemas de saúde.

QUADRO 8

Problemas de saúde apresentados por trinta e quatro idosos. Viçosa/MG, 1988

Problema Espécie	Idosos	
	Nº	%
Surdez	3	8,82
Catarata	3	8,82
Reumatismo	2	5,88
Asma	1	2,94
Coração	1	2,94
Ausência de problemas	25	73,53

Também, com exceção de uma senhora, trinta e três, dos trinta e quatro idosos pesquisados, demonstraram prazer em apresentar os cômodos da casa, até mesmo os mais íntimos, como o quarto e o banheiro. Além de receberem a entrevistadora com alegria, vontade de falar de si e de expor suas idéias, ficaram eufóricos ao exporem seus trabalhos, como pintura, crochê, costura, coleções, jardins e hortas. Alguns deram os depoimentos seguintes:

"Fazer tricô atrofia porque fica-se muito parada. Tem que fazer o serviço de casa com amor, para exercitar." (Sr^a M., 70 anos).

"Administro a loja, coleciono discos e livros, participo de reuniões sociais e religiosas." (Sr. E., 70 anos)

"Cuido da chácara, planto e colho frutas, verduras, legumes e cereais; tenho animais, administro a casa, leio e converso muito. Eu e meu marido nos damos muito bem e com os filhos (casados)." (Sr^a G., 75 anos)

"Fazer tricô dá impaciência; tem que fazer outras tarefas para se exercitar." (Sr^a M.S., 78 anos)

"Sou leonina, participo de reuniões sociais, de assistência social." (Sr^a H., 78 anos)

"Sou dentista, adoro minha mulher e sou jovem de espírito." (Sr. A., 78 anos)

"Ainda exerço minha profissão com muita honra, sou advogado." (Sr. J., 79 anos)

“Gosto de administrar a casa com a esposa, cuidar da pequena horta e passear.” (Sr. G., 81 anos)

“Gosto muito de andar, fazer visitas, ir à igreja, administrar a casa.” (Sr^a L., 82 anos)

“Para não envelhecer a gente tem que trabalhar, exercitar-se.” (Sr^a V., 92 anos)

Falaram com orgulho das atividades desempenhadas em casa e fora de casa, inclusive das atividades profissionais. Percebe-se no Quadro 9 que as atividades mais comuns, entre as vinte e três mulheres na terceira idade, são a freqüência à igreja, administração da casa, costura, crochê e compras; enquanto entre os doze homens, em idade adulta avançada, o comum é o passeio, a leitura, a freqüência à igreja e a visitação ou a atividade de lazer. Comparando as freqüências das atividades desempenhadas por mulheres, em ordem crescente, verifica-se que estas são mais assíduas à igreja, bem como trabalham e permanecem mais dentro de casa do que os homens. O trabalho da mulher é mais direcionado para o bem-estar da comunidade doméstica, enquanto o do homem é mais favorável ao seu bem-estar individual. Também o Quadro 9 mostra que apenas três homens ainda exercem sua profissão. As mulheres que trabalhavam fora de casa (cinco) encontram-se aposentadas, porém continuam ativas em suas residências.

Concordando com BARROS (1981), as características desejáveis na habitação, descritas na introdução deste trabalho, não são suficientes para proporcionar o total bem-estar da população estudada, pois esta também demonstrou necessidade de participação social, possui limitações e potencial como qualquer outra, e necessita de espaço para desenvolver atividade que lhe proporcione prazer e satisfação. Trabalho é uma questão de suma importância para ela, o que está de acordo com Simone de Beauvoir, citado por BOLLSANELLO (1979) e ALBORNOZ (1986). Usufrui de um espaço (conforme Dr. Nelson Senise, citado por SÁ, 1987) reservado nas suas residências e nas suas famílias para projetar, criar, produzir, viver e ser feliz. Entretanto, na sociedade esse espaço tende a desaparecer com a aposentadoria do trabalho profissional.

Conforme disse VALENZA (1987), é difícil definir a partir de qual idade se estabelece a inação ou o envelhecimento, uma vez que todos os idosos da mesma idade cronológica e de ambos os sexos não desempenham as mesmas atividades, em or-

dem idêntica de prioridade e em número decrescente em relação à idade crescente. Na perspectiva do conceito de envelhecimento de SALGADO (1984), não convém rotular os trinta e quatro indivíduos deste estudo de velhos e sim de cidadãos em idade adulta avançada ou terceira idade, porque apesar de estarem na faixa etária de setenta a noventa e três anos, continuam ativos.

QUADRO 9

Atividades desempenhadas no lar e/ou fora do lar por vinte e três idosas e onze idosos. Viçosa/MG, 1988

Atividade	Idosa		Idoso		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Administração da casa	17	73,91	2	18,18	19	55,88
Preparo de refeições	11	47,83	1	9,09	12	35,29
Auxílio no preparo de refeições	11	47,83	1	9,09	12	35,29
Lavagem de roupas pequenas	11	47,83	1	9,09	12	35,29
Lavagem de todas as roupas	7	30,43	1	9,09	8	23,52
Limpeza da casa	10	43,48	2	18,18	12	35,29
Costura	14	60,87	1	9,09	15	44,12
Crochê	14	60,87	0	0,00	14	41,18
Compras	14	60,87	3	27,27	17	50,00
Cuidados com hortas e jardins	11	47,83	3	27,27	14	41,18
Leitura	9	39,13	7	63,64	16	47,06
Coleção de livros	2	8,69	2	18,18	4	11,77
Coleção de discos	0	0,00	1	9,09	1	2,94
Freqüência à igreja	17	73,91	6	54,54	23	67,65
Passeios	9	39,13	8	72,73	17	50,00
Visitação	9	39,13	5	45,45	14	41,18
Freqüência a reuniões sociais e beneficentes	3	13,04	3	27,27	6	17,65
Exercício da profissão	0	0,00	3	27,27	3	8,82

5 – RESUMO E RECOMENDAÇÕES

A quase totalidade das habitações analisadas não foi construída recentemente. É de propriedade de seus ocupantes em idade adulta avançada e sofreu algum tipo de modificação, principalmente no seu interior e, às vezes, no exterior, e quase sempre por iniciativa dos seus proprietários. A satisfação destes, em relação à habitação, foi igual ou superior a 80% nos itens a seguir:

- acima de 90%, com a iluminação natural e artificial, largura das escadas e corredores, área do quarto onde dormem e localização do banheiro;
- cerca de 80%, com a área do banheiro e de outros aposentos, como sala de estar e jantar;
- aproximadamente 82%, com mais de um tipo de piso existente em suas casas.

Entretanto, algumas características indesejáveis das habitações estudadas, de acordo com AGAN et alii (1977), ONTÁRIO (1977) e BURNSIDE (1979), merecem destaque:

- desníveis entre os cômodos das habitações, com altura superior a 1cm e de material não-compressível (100%) e nem sempre as suas elevações apresentavam-se em cores contrastantes, para reduzir o seu potencial de acidente;
- ausência total de barras de apoio nos banheiros;
- existência de escadas em 22 casas (68,75%);
- pisos de madeira, com acabamentos de sinteco e cera (65,60%), que representam potencial de derapagem;
- ausência de corrimão em 13 escadas (59,00%);
- habitações com mais de um pavimento (30,00%).

Assim mesmo, aproximadamente 94% dos idosos não demonstraram insatisfação com os desníveis nas suas casas e 100% deles não sentem necessidade de barras de apoio nos seus banheiros, uma vez que apenas 26,50% apresentavam problemas relevantes de saúde e consequentes limitações físicas. Também estão habituados com os desníveis de suas casas e desconhecem as vantagens de barras de apoio e corrimão; 73,50% estão com suficiente visão e agilidade físico-motora, a ponto de não sentirem necessidade de apoio para as mãos e de andarem somente em superfícies planas e sem elevações bruscas.

Todos os trinta e quatro adultos em idade avançada estudados desempenham com orgulho algumas atividades as quais são importantes na preservação do potencial de trabalho e no seu espaço na residência, na família e na sociedade. O sexo feminino supera o masculino nas atividades religiosas, domésticas e artesanais.

Sintetizando, os principais determinantes deste perfil das condições habitacionais e da situação de bem-estar dos trinta e quatro idosos, de ambos os sexos e de classes sócio-econômicas alta e média, de Viçosa/MG são:

- o padrão de características internas e externas da casa;
- a propriedade e a satisfação com a moradia;
- autonomia para modificar a casa ou participar da tomada de decisão sobre a reforma;
- estado de preservação da saúde;
- desempenho de certas atividades;
- e lazer em casa e fora de casa.

Por este prisma do desvendamento da realidade, recomenda-se um dimensionamento qualitativo, quantitativo e comparativo das condições físicas, psicossociais, culturais, econômicas e ambientais, da situação de autonomia, bem-estar e qualidade de vida de idosos, pertencentes a estratos sócio-econômicos não só alto e médio, mas sobretudo inferiores, para implementação e avaliação de programas assistenciais a comunidades urbanas e rurais.

Por outro lado, retomando as referidas características inesejáveis, interiores e exteriores das habitações dos trinta e quatro adultos em idade avançada, bem como as suas limitações físicas e psicossociais, próprias da terceira idade, é recomendável que não só os projetos de construção ou de reforma de suas casas devem estar de acordo com os padrões desejáveis de moradia, autonomia, saúde e bem-estar, mas indistintamente todos os planejamentos de construção e reforma de habitações devem assegurar a prevenção da doença, a autonomia, o bem-estar e a qualidade de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) AGAN, T.; CASTO, M.D.; DAY, S.S. & SHWAB, L.O.
Adjusting the environment for the elderly and the handicapped. *Journal of Home Economics*, 69 (5): 18-20, 1977.
- 2) ALBORNOX, S. O que é trabalho. São Paulo, Brasiliense, 1986, p.94.
- 3) BARROS, M.M.L. de. Perspectivas Antropológicas da mulher – Testemunho de Vida: Um Estudo Antropológico de Mulheres na Velhice. Rio de Janeiro, 1981. 112p.
- 4) BLAND, J. A terceira idade. *A Saúde do Mundo*. (4): 12-15, 1979.
- 5) BOLSANELO, A. Enciclopédia pedagógica da educação sexual: a mulher. Curitiba, Educacional Brasileira, 1979. p.271.
- 6) BURNSIDE, I.M., R.N. & M.S.. Enfermagem e os Idosos. São Paulo Andrei Ed. Ltda., 1979. p.378-499.
- 7) COHEN, J. Como Cuidar de Pessoas Idosas. *A Saúde do Mundo*, (3): 43-9, 1972.
- 8) COMPTON, N.H. & HALL, O.A. Foundations of home economics research – A human ecology approach. Minneapolis/USA, Burgess Publishing Company, 1972. p.11.
- 9) DEBERT, G.G., Envelhecimento e Representação da Velhice. *Ciência Hoje*, 8 (44): p.60-68. 1988.
- 10) DIAS, S.M. Banheiros. Viçosa, UFV, Imprensa Universitária, 1983. p.1-2.
- 11) FUNDAÇÃO IBGE, Rio de Janeiro. Anuário Estatístico - 1980. Rio de Janeiro, 1980. p.66-78.
- 12) GRAZ, L. Não se isolem. *A Saúde do Mundo*, (3): 18-23, 1972.
- 13) LAWTON, M.P. & COHEN, J. The generality of Housing Impact on the Well-Being of Older People. *Journal of Gerontology*, 1974, 29: 194-204. In: ABDEL-GRAVI, M. Quality of from the Perspective of the Elderly. *Home Economics Research Journal*, 6 (1): 38-47, 1977.
- 14) LINDAMOOD, S. & HANNA, S.D. Housing Society and Consumers. West Publishing Co. St. Paul. 1981. 498p.
- 15) MINIONI, E. & SILVEIRA JR. P. Relações entre Alguns Fatores Sócio-Econômicos e o Nível de Habitação de uma Comunidade Rural do Rio Grande do Sul. *OIKOS*. Viçosa, MG, UFV. 2 (1): 11. 1982.
- 16) ONTÁRIO. Ministry of Education – Sugestões para Projetos de Escolas Destinadas a Deficientes Físicos / Designing Schools for the Physically Handicapped / trad. Maria Eliana Moraes de Rose, rev. por Sylvio de Taledo Salles. RJ, MEC/CEBRACE, 1977. 35p. il. (Publicação 14 do CEBRACE).
- 17) PANERO, J. & ZELNIK, J. Las Mediciones Humanas en los Espacios Interiores – Estandares Antropométricos. Editorial Gustavo Gili S.A. Barcelona, 1983, p. 47-55.
- 18) SÁ, H.M.A. A Terceira Idade. Viçosa-MG, UFV/EFI, 1987. 3p. (mimeografado).
- 19) SALGADO, M. As Dores Sociais da Velhice. *Vida e Saúde*, p.11-22, 1984.
- 20) SIMONINI, M.L. Função da Arquitetura na Habitação. Viçosa, UFV, Imprensa Universitária, 1979. p.20.
- 21) VALENZA, P.D. A Terceira Idade. UFV/NUT, Viçosa-MG, 9p. (mimeografado).



O Corpo e o Idoso: Idade Não é Barreira

*Um corpo descansado contribui
para o bem-estar e a saúde
como um todo.
Cada vez que a gente abre mão
de um sonho, decretamo-nos
morte prematura.*

GRUPO DE IDOSOS
SESC de Piracicaba

Envelhecer é o destino biológico do homem; chegar jovem à velhice depende de muitos fatores. O funcionamento biológico e mental do ser humano declina em diferentes proporções e varia de pessoa para pessoa. Não obstante essas variações de declínio, o envelhecimento é irreversível e impõe certas limitações.

A Organização Mundial de Saúde classifica o envelhecimento em 4 estágios:

- meia idade = de 45 a 50 anos
- idoso = de 50 a 74 anos
- ancião = de 75 a 90 anos
- velhice extrema = de 90 anos em diante.

Mas velhice não significa apenas decadência e estagnação mental. Os trabalhos de investigação e criação, que exigem trabalho intelectual de alto nível, têm sido realizados, quase sempre, por pessoas idosas. Nem a imaginação, nem a abstração, nem o raciocínio sofrem com a velhice, se há um sistema nervoso sadio e equilibrado. A idade não é obstáculo para o fecundo trabalho mental, nem para a produção artística e nem para certas atividades físicas. Por isso, em todos os tempos, a história guarda figuras de anciãos que dirigiram com energia e superioridade os destinos das vidas das nações, de empresas e indústrias, de centros culturais.

Existe um preconceito que chamaremos de "velhismo", que é a discriminação sistemática contra pessoas só por elas serem mais idosas, assim como o racismo ou o "sexismo" discrimina por causa da cor da pele ou do sexo da pessoa.

Os "velhistas" vêem as pessoas de idade como estereótipos: senis, fora de moda em relação à moralidade, aborrecidamente faladeiras, sem utilidade e com pouco valor social compensador. Há uma fina ironia no fato de que, se os "velhistas" viverem o suficiente, eles próprios se transformarão em "velhos" e, conseqüentemente, vítimas de seus próprios preconceitos.

Algumas dessas atitudes têm suas raízes em lembranças de um passado relativamente recente. No fim do século passado, quando a expectativa média de vida era menor, muito poucas viviam até uma idade mais avançada e entre essas, poucas mantinham uma boa saúde que lhes permitisse ter uma vida ativa. Mas, a expectativa de vida hoje é maior e temos uma grande população de pessoas relativamente saudáveis com mais de 70 anos.

Ainda não aceitamos esta nova realidade; a imagem geral sobre as pessoas de mais idade pressupõe a fraqueza ou a decrepitude. Tanto os homens como as mulheres se preocupam por se desgastarem fisicamente: se você está envelhecendo, está acabado.

Porém, a idade não é barreira para os prazeres de uma vida feliz. Em todas as atividades: na pintura, na música, na dança, na literatura, nos esportes, na medicina, no cinema, teatro e televisão, no trabalho, na vida social, familiar e sexual, muitas pessoas da terceira idade continuam se realizando plenamente.

Muito se pode fazer para manter o bom funcionamento do corpo e mente, necessário para uma vida cheia de satisfação. Vamos falar aqui, mais especificamente, do corpo do idoso e de como mantê-lo vigoroso e bem cuidado.

A boa forma física é uma qualidade vital, a condição básica para se ter uma boa aparência, sentir-se bem e ter as reservas necessárias para gozar uma variedade de interesses.

Além das consultas médicas para tratar queixas específicas, homens e mulheres de mais idade devem passar por um exame médico, pelo menos anualmente. O propósito é diagnosticar e tratar problemas físicos em seus primeiros estágios e fornecer bases científicas para um programa de prevenção de doenças, inclusive exercícios, nutrição e repouso.

Um programa de exercícios pode melhorar a aparência física e aumentar a longevidade. Caminhar é um bom exercício geral para pessoas de mais idade. Comece caminhando rapidamente, até começar a ficar cansado. Descanse e ande de volta a seu ponto de partida. Continue fazendo isso, aumentando a distância até alcançar um objetivo razoável. Ginástica apropriada e natação também são recomendadas. Devemos aproveitar todas as oportunidades de movimentos físicos: fazer o ser-

viço doméstico, cortar a grama, cuidar do jardim, dançar, enfim flexionar-se, alongar-se e mover-se o mais possível.

Se você tem mais de sessenta anos, esteja alerta contra uma nutrição deficiente, que pode introduzir-se em seus hábitos, com o passar dos anos. O isolamento social e a depressão podem fazer com que as pessoas percam o apetite e o interesse em cozinhar; limitações físicas podem tornar difíceis as compras e a preparação da comida; a perda dos dentes ou a dificuldade para mastigar interferem com a ingestão de comida sólida.

Quais os perigos de uma nutrição deficiente? Você se torna mais vulnerável às doenças, cansa-se mais facilmente, torna-se mais propenso a problemas emocionais como depressão, apatia e ansiedade. Tome cuidado para manter uma dieta saudável, incluindo os três tipos de comida: proteínas (carnes, laticínios, ovos, cereais), carboidratos (pão, cereais, frutas e verduras) e gorduras (carnes, laticínios, óleos).

Um corpo descansado contribui para o bem-estar e a saúde como um todo. Você poderá notar mudanças em seus padrões de sono. Os idosos parecem ter menos sono profundo e seu sono torna-se mais leve, acordando frequentemente durante a noite.

Durma de sete a dez horas por noite, de acordo com suas necessidades. Se sentir insônia, não entre em pânico: um banho quente, uma cama confortável, a leitura de um livro, uma música suave pode lhe fazer bem e relaxar suas tensões. Evite remédios para dormir, a menos que você tenha dores ou problemas emocionais.

A aparência física é tão importante na terceira idade como em qualquer outra época da vida. Uma vaidade saudável é sinal de auto-estima. Uma aparência agradável não exige cuidados caros: higiene pessoal, uma figura razoavelmente arrumada, cabelos, pele e unhas tratadas e o bom senso no uso de roupas e produtos cosméticos.

A pele pode ressentir-se com muito sol e vento, má nutrição, álcool e cigarro em excesso e doenças. Uma boa limpeza e um creme umedecedor é o melhor tratamento para a pele. Mesmo que se cuide da pele, ela começa a apresentar rugas e franzidos, já por volta dos 40 anos de idade. Mas isso não deve tornar uma preocupação obsessiva: "aparentar a idade que tem" não significa deixar de ser atraente.

Cabelos saudáveis exigem os mesmos cuidados que a pele: boa alimentação, ausência de doenças, proteção contra os elementos e limpeza com um xampu neutro. Muitas pessoas idosas preferem pintar os cabelos grisalhos ou brancos: na verdade, cabelos grisalhos ou brancos podem ser muito charmosos e é uma pena que a moda atual costume a rejeitá-los.

Quanto às roupas, os idosos costumam entregar-se à rotina e esquecem o prazer estético de usar uma roupa nova e bem talhada. Mas o mais importante é não tornar-se descuidado com a higiene pessoal: o banho diário, a barba bem feita, dentes bem escovados, cabelos, rosto, unhas e calçados limpos aumentarão suas chances socialmente.

O prazer de desfrutar as coisas fundamentais ou elementares da vida pode se desenvolver depois da idade madura, exatamente porque as pessoas idosas percebem melhor a brevidade da vida. Ela nos diz que se sentem mais capazes de distinguir o banal do fundamental. A reação à natureza, aos contatos humanos e ao belo em geral pode aumentar. Uma vida saudável na terceira idade traz, frequentemente, maior fruição de todos os sentidos: cores, sons, visão, cheiros, tato e um envolvimento menor com impulsos transitórios para conseguir posse, poder ou realizações.

Muitas pessoas lutaram corajosamente durante toda a vida para superar obstáculos, ganhar a vida, criar família e cumprir suas obrigações. Ao fazer isso, sacrificaram suas vidas e seu crescimento individual. Não importa. Todos os prazeres da vida aí estão presentes, para serem redescobertos, intensificados ou apreciados pela primeira vez, não importa a idade.

Também para o amor, a idade não é barreira. Um homem na casa dos setenta anos, assim descreveu sua ligação com a esposa, após quarenta e quatro anos de casamento: "às vezes eu a olho de manhã e ela me devolve o olhar. Não falamos nada, nem mesmo bom dia". Nós nos compreendemos. Estamos casados há muito tempo e há coisas que não precisam ser ditas para sabermos. Por exemplo: "Você me ama e eu te amo".

A felicidade, a satisfação, o amor rejuvenescem. Só que nenhum deles chega quando nos

trancamos em casa, ou desistimos antes da hora por puro preconceito, acomodação e por falta de fé, especialmente em nós mesmos.

Cada vez que a gente abre mão de um sonho, dizendo que "é tarde demais" para alguma coisa como trabalhar, estudar, viajar ou qualquer outro projeto, decretamos nossa morte prematura.

Vamos transpor a barreira do preconceito que encara o velho como pessoa dependente, ranzinza, de idéias ultrapassadas, desligado dos problemas reais do mundo que o cerca, sem atividade sexual, uma pessoa que apenas vegeta, sem entusiasmo para viver.

Experiências concretas e pesquisas feitas nos mostram que existe grande número de pessoas idosas que são joviais, sabem animar uma reunião, contar casos interessantes. Participam de viagens, de reuniões sociais, bailes e competições esportivas com mais disposição que muitos jovens.

Com a idade, muitas pessoas passam a ser mais seguras, mais compreensivas a ponto de servirem de apoio aos mais jovens, assustados pelas experiências da vida que ainda não conhecem.

Mesmo a crença de que os velhos são incapazes para a atividade sexual está sendo desmentida, revelando-se que, quando há interesse de ambas as partes, a amizade e o amor estão sempre presentes.

Sendo alegres, tendo amigos, trabalhando, amando e sendo amados, vivendo a nossa sexualidade, aceitando corajosamente as mudanças de nosso corpo e nossa mente, trocando experiências, transpondo barreiras, podemos fazer da velhice uma das fases mais felizes de nossa vida.

Pessoas para quem a idade não foi barreira:

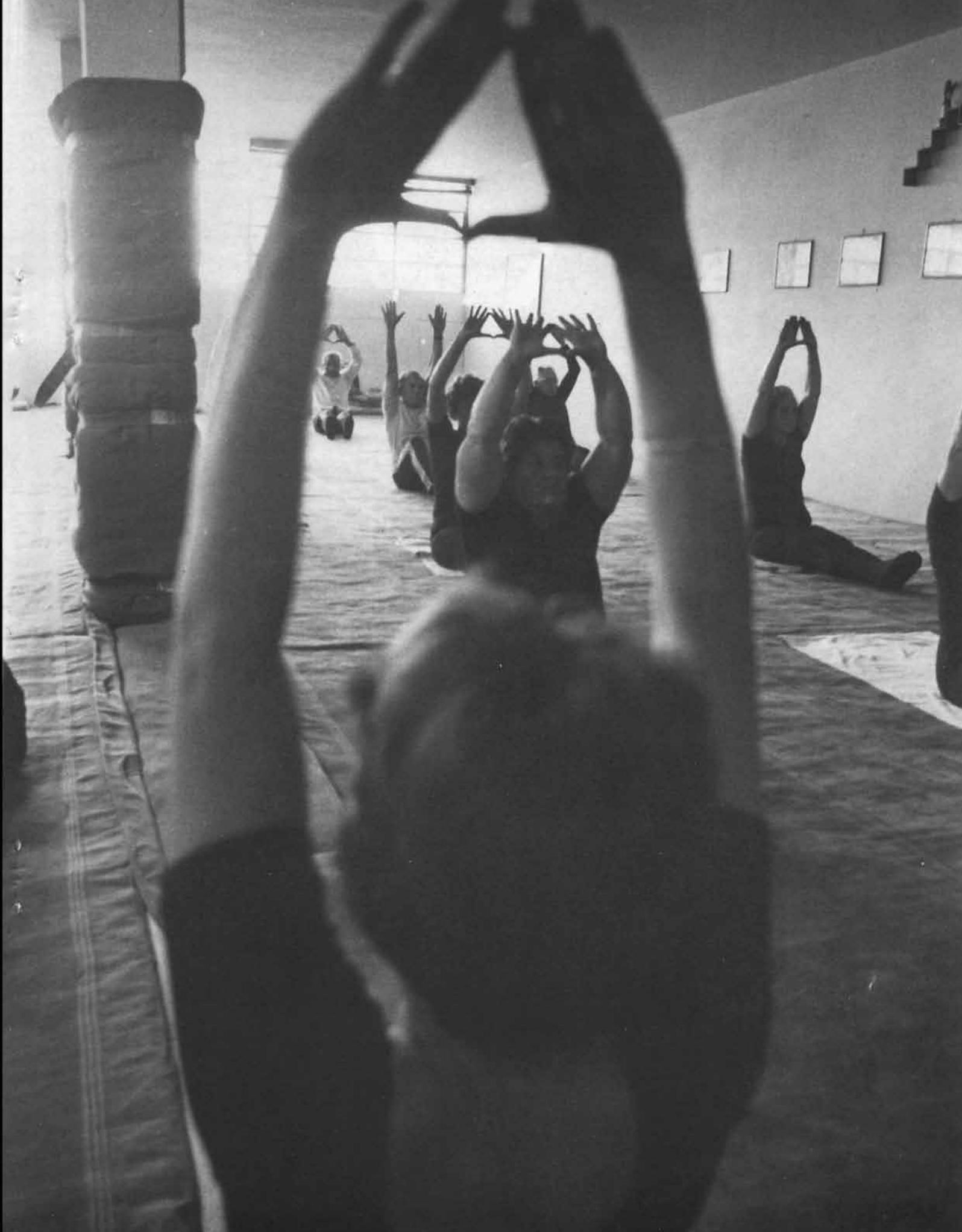
Picasso: Pintou e bordou até os 91.

Winston Churchill: até os 90, quem o desafiasse perdia a guerra.

Agatha Christie: até os 85, a rainha do crime matou e viveu com igual prazer.

Coco Chanel: até os 82, nunca saiu de moda e nem perdeu o charme.

Charles Chaplin: até os 88, ninguém melhor do que ele, fez o mundo chorar de rir.





COISAS DA IDADE

Ana Perwin Fraiman
Herns Editora e Informação
Ltda.
São Paulo - 1988

Em um estudo aparentemente pouco pretensioso, a autora vai despertando interesse do leitor por questões que afetam estudiosos e os próprios sujeitos da problemática da terceira idade. Quem é velho, memória fraca, barreiras sociais, sexualidade feminina, aposentadoria, crise da meia idade, a morte são questões que se transformam em capítulos, em pautas de discussão, formando um mosaico de informações, reflexões pessoais, de tiradas acadêmicas e brados de alerta, não raro carregados de emotividade. Não é apenas um livro importante de uma profissional identificada com os temas que desenvolve. É um relato profundo de aspirações não realizadas, de conflitos não resolvidos, de tensões permanentes que afetam todas as gerações e todas as idades. O livro de Ana Fraiman, psicóloga, gerontóloga, intérprete e conhecedora da realidade que vivencia, é uma leitura indispensável. Aqui, algumas passagens, para que o leitor tenha uma idéia do conteúdo da obra.

Envelhecer é um processo extremamente complexo que tem implicações tanto para a pessoa que o vivencia como para a sociedade que o assiste, promove ou suporta. Há duas variáveis determinantes do comportamento e do interrelacionamento: a idade e o sexo.

É a sociedade que determina o que cada idade significa socialmente e qual seu nível de relacionamento. Para cada período da vida, há um papel definido, há normas de comportamento que se tornam mais rígidas, à medida que a idade avança. No limite da terceira idade há dois sub-grupos: os jovens-velhos ou pré-velhos que outros chamam de pseudo-idosos e os velhos-velhos, biologicamente

impedidos de cumprir seu papel produtivo. A psicologia só recentemente tem privilegiado estudos a respeito desses últimos estágios da vida. Uma pessoa leva praticamente um terço de sua vida para nascer, crescer e se desenvolver, e dois terços para envelhecer.

A geriatria desenvolve estudos sobre a velhice, centrados inicialmente sobre o fenômeno do envelhecimento como patologia, apenas sobre o aspecto biológico. Já a gerontologia, mais abrangente, incorpora estudos da área paramédica, das ciências sociais, da economia, da ecologia e de outras ciências, caracterizando-se como ciência multidisciplinar e predominantemente orientada para o social. Embora abordando os aspectos sociais, a gerontologia atenta para o aspecto de que cada indivíduo desenvolve seu próprio processo. O envelhecer é um processo onde as capacidades e potencialidades de um indivíduo desabroçam e se realizam, e nesse contexto ele adquire a maior de suas individualidades. É aqui que se coloca a contradição: a incongruência entre o envelhecimento irreversível e o desejo de realização e auto-aperfeiçoamento mental e espiritual. Como diz alhures Brecht: "se a juventude soubesse e se a velhice pudesse. . ."

Há vários conceitos para determinar a idade: a idade cronológica, a biológica, a social e a existencial. Parafraseando Marx, uma pessoa tem 60 anos em qualquer situação, mas só é considerada velha em determinadas condições econômicas. A população mundial entre 60 e 65 anos é estimada em 300 milhões em 1988 e de 560 milhões no ano 2.000. Observa-se um aumento significativo desta faixa etária em países do terceiro mundo e uma tendência à feminilização da população idosa, exigindo da família e do estado encargos redobrados. A perspectiva de vida para o brasileiro em 1939 era de 41 anos. Em 1972, 58 anos e em 1988, 65 anos para a mulher e 60 anos para o homem. Dados aparentemente alentadores, não fosse o fato de as pretendidas médias acobertarem situações econômicas, culturais e sociais desfavoráveis de homens e mulheres precocemente aposentados e com seus rendimentos reduzidos, sofrendo as pressões de sobrevivência e abreviando sua expectativa de vida. Velhice é uma problemática que, afinal, se inicia na infância carente e culmina na velhice abandonada. É problema social, não por causas inerentes ao processo de envelhecimento, mas pela estrutura social, que condena os velhos à solidão social e familiar; é o trabalho alienado que frustra o desenvolvimento pessoal; é a pedagogia

orientada para a especialização que tolhe o desabrochar de individualidade. É o próprio desenvolvimento tecnológico no mercado de trabalho que condena à obsolescência grandes parcelas da população ativa com potencial produtivo.

É um acúmulo de maus tratos, de alimentação inadequada, de relacionamentos interrompidos ao longo do tempo. . . E a construção de imagens do velho herói de ontem, "ah! no meu tempo!", a rabugice, o mutismo, a neurastenia e hipocondria são mecanismos de defesa que restam ao velho construir como alternativa neurótica para obter atenção, fugir do isolamento e protestar contra a morte que sente iminente.

O capítulo "o diálogo das gerações" abre a primeira discussão mais acadêmica sobre os efeitos da indústria cultural sobre a formação da juventude e suas consequências sobre a geração jovem de hoje, como a alienação, a perda do sentido crítico e da consciência social e política e ausência de finalidade para a vida. São os fatos que inibem a aproximação e o diálogo com as gerações. O capítulo se torna mais interessante quando indica as condições para o diálogo: serenidade e paciência, vocabulário comum, interesse e atenção, curiosidade. Saindo da discussão acadêmica, relata experiências da autora com grupos de orientação para mulheres, a maior parte delas da classe média urbana, com sentimentos de solidão, menos-valia e inadequação, sobre os quais a autora aplica técnicas de dinâmica de grupo, de Análise Transaccional e Teorias da Comunicação, com resultados positivos em todos os níveis de carência apontados.

"Memória Fraca" é dirigido a mulheres da faixa dos 40 anos, com dificuldades advindas de pequenas perdas de memória, esquecimentos e melancolia. A passagem do papel de protetora do lar, dos filhos e do marido para uma situação de dependência provoca uma identificação com a velhice e a negação de si como mulher. As tentativas de fugir a esses limites podem também ocasionar a admiração da família. Sair da redoma do lar, tentar remoçar não significa a perda das atribuições domésticas, mas pode provocar outros desequilíbrios, como o da angústia de vencer. A mulher enfrenta ainda, principalmente na fase do climatério (pré-menopausa), riscos com a "Gravidez Tardia". Risco de natureza psicológica, pois essa possibilidade altera drasticamente a estrutura e a dinâmica familiar, além de causar prejuízos individuais, como culpa ou medo, que geram conflitos interiores após o parto e possíveis crises emocionais para a

criança. No entanto, a mulher nessa fase da vida saboreia melhor o milagre de uma nova vida que ela gera, podendo realizar-se mais como mulher e mãe e como pessoa.

Dois capítulos são dedicados à sexualidade feminina. A ideologia consumista que privilegia o sucesso material, a competitividade provoca tensões além do limite: são as preocupações com o desemprego, salários baixos, frustrações profissionais. São tensões que colocam verdadeiras barreiras ao desenvolvimento afetivo, do sonho e do romance, amordaçando o coração. O tema é tratado de maneira mais didática e bastante clara. A sexualidade é como vivência complexa calcada em vários níveis: corpóreo, afetivo, cognitivo, representativo e social.

Na terceira idade a sexualidade é conhecida quase como aberração ou perversão de caráter, pois a beleza e a capacidade de sedução estão associados à juventude. A geração madura vive em permanente impasse entre exprimir seus desejos e fantasias sexuais ou esconder-se atrás de racionalizações, exacerbando defesas e somatizações. O desconhecimento da própria feminilidade no que se refere à atividade sexual e à própria função erótica é quase um estigma das mulheres "maduras". Gerontologia é quase um sinônimo gerontorejeição, isto é, a negação do próprio corpo nos níveis individual e social. Frequentemente, para a mulher o abandono da atividade sexual é recebida como alívio. Preconceitos e ignorância sobre a realização plena da sexualidade se verificam também no campo profissional, principalmente em situações de asilamento. Em asilos e casas de repouso para velhos ocorrem situações de manifestações eróticas nem sempre compreendidas pelos profissionais da área.

É na maternidade, após os 50 anos, que a experiência sexual é mais carregada de experiência que de instinto. Por outro lado, é nessa idade que ocorre a crise da vulnerabilidade, na medida em que se acredita na perda da potência sexual e no desequilíbrio fisiológico. Para o homem é a chegada da "idade do lobo", quando o exercício da hiperatividade sexual é mais uma atitude compen-

satória pela perspectiva da perda do status profissional e pelo medo da perda do status fisiológico. A chegada da aposentadoria profissional pode afetar o equilíbrio afetivo e psicológico, com a perda do controle da função erótica. "A aposentadoria é uma instituição, não tem sujeito, tem objetos, significados: exclusão, descaracterização, isolamento e dependência". O termo benefício apenas adoça o amargor daquilo que significa a morte social. A maturidade é comparada, em termos de crise, à adolescência. Para muitos é a porta de entrada para a velhice, para outros representa a oportunidade de uma expansão criativa, uma passagem para uma etapa plena de sabedoria existencial.

A "morte e o morrer" é outra realidade com a qual o homem se defronta desde a primeira infância. O imaginário infantil é povoado de imagens e fantasias da morte. O sistema social como um todo nos condiciona a pensar na morte: a insegurança no trânsito, o perigo das catástrofes nas grandes metrópoles, as doenças, AIDS, o cotidiano das proibições e alertas de perigos. Citando Phillippe Ariès, "a morte é o grande tabú que vem substituir o tabú do sexo". Vivemos sempre no limiar de um conflito interior entre a onipotência e a impotência, a imortalidade pretendida e a mortalidade irrevogável, as capacidades e as limitações de nosso próprio eu. Em tudo, a consciência da morte, acoberta, disfarçada, mas presente.

O relato de dois casos clínicos vivenciados pela autora mostra todas as implicações para médicos, pacientes e familiares, ante a perspectiva da morte física. Há considerações sobre o "mal da década": AIDS, uma simples doença, um castigo, um fantasma real, desvirtuado pela ignorância e preconceitos. Muito mais pela ignorância e desinformação que reforçam os preconceitos e desacreditam qualquer medida ou estratégia preventiva. A grande contradição da época em que vivemos é que a sexualidade está agora associada à morte. "O sexo, fonte libertadora, de criação e renovação, agora se reveste de um novo poder. Antes gerador de vida, agora um novo instrumento de morte".

Maximino Antonio Boschi



1) Com o propósito de discutir o mais amplamente possível a situação atual do idoso brasileiro e as diversas formas de atendimento a esta população, a ANG – Associação Nacional de Gerontologia, com o apoio dos governos de Goiás, Maranhão e Santa Catarina, realizou três Seminários Regionais.

Esses eventos implicaram todo um processo de mobilização de instituições e de profissionais em cada um dos estados participantes e resultaram num levantamento minucioso de informações relativas ao idoso nas diferentes regiões do território nacional.

A partir desses dados, realizou-se, em Brasília, DF, de 3 a 5 de outubro do ano de 1989, o Seminário Nacional sobre "O Idoso na Sociedade Atual", sob o patrocínio da mesma ANG. Deste Seminário saiu um documento intitulado: "Recomendações Políticas para a Terceira Idade nos Anos 90".

O documento se destina às autoridades federais, estaduais e municipais; aos partidos políticos; a toda a sociedade civil, particularmente à família, aos próprios idosos, à Universidade, ao empresário e aos meios de comunicação.

Participaram da confecção deste documento as assistentes sociais: Edith Magalhães Motta, assessora de Gerontologia Social do CBCISS e vice-delegada da ANG/RJ; Neusa Mendes Guedes, coordenadora do Núcleo de Estudos da Terceira Idade – NETI, da Universidade Federal de Santa Catarina; Maria José L.C. Rocha Barroso, coordenadora da ANG/Região Norte-Nordeste; Nara da Costa Rodrigues, delegada da ANG/RS e vice-presidente do Conselho Estadual do Idoso/RS; e Marli Fernandes de Assis, coordenadora da ANG/Região Brasília Centro-Oeste.

A redação final esteve a cargo de Marcelo Antonio Salgado e Flávio da Silva Fernandes.

O documento faz um breve histórico sobre a realidade do idoso no Brasil, anterior a 1976, quando foi realizado, com o apoio do Ministério da Previdência e Assistência Social, o primeiro diagnóstico da situação do idoso no país e quando foram apresentadas as primeiras linhas básicas de uma política de assistência e promoção social da pessoa idosa. Em seguida, relata o que foi feito de 1976 a 1990.

Constatou-se que, apesar de se ter estabelecido uma discussão mais ampla sobre a velhice e apesar de inúmeros movimentos voltados para a Gerontologia, não se chegou a uma política estruturada para a terceira idade, com repercussão positiva na qualidade de vida desta faixa etária.

Esta avaliação que motivou uma análise mais profunda da situação atual do idoso levou a ANG a recomendar uma série de medidas em favor da terceira idade, tendo-se o cuidado de fundamentá-las e justificá-las de maneira bem realista.

Trata-se de um farto material que, abordando aspectos cruciantes da problemática do idoso, constitui um rico arsenal à disposição dos órgãos governamentais e das instituições sociais para o redimensionamento do atendimento do idoso brasileiro.

A íntegra do documento será publicada em um de nossos próximos números.

2) O Departamento Regional do SESC de São Paulo realizou no primeiro semestre do ano passado importantes eventos na área gerontológica, envolvendo técnicos e idosos, em diferentes regiões do estado.

Destacamos: o seminário sobre "Os Idosos e a Ocupação de Espaços", em São José do Rio Preto; o Encontro de Esporte e Cultura, na Colônia de Férias "Ruy Fonseca", em Bertiooga, litoral paulista; e o Encontro Regional de Idosos do Vale do Paraíba e Litoral Norte, reunindo idosos de várias cidades daquelas regiões.

Além disso, participou ativamente da Jornada de Geriatria e Gerontologia de Sorocaba, organizada pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, pela Prefeitura Municipal e Faculdade de Medicina de Sorocaba.

3) A Associação Cearense Pró-Idosos/ACEPI, com a colaboração técnica da Associação Nacional de Gerontologia/ANG, promoveu, de 11 a 14 de setembro passado, em Fortaleza, Estado do Ceará, o II Seminário de Gerontologia, enfocando o tema: "Na Terceira Idade, Uma Nova Mulher". Nas sessões de estudo foram abordados importantes aspectos da condição feminina no Brasil, suas limitações e expectativas, na tentativa de se delinear um perfil desse grupo em nossa sociedade. Estiveram

em pauta os seguintes assuntos: "A Mulher e a Ação Social", "Mulher Idosa – Desafios nas Transições", "A Mulher frente à Educação, Negócios e Política", "A Família dos Anos 90".

4) Com a presença de cerca de dois mil participantes, realizou-se na cidade de Belém do Pará, o III Fórum Nacional de Gerontologia Social, promoção conjunta da ANG e Governo do Estado, através da Fundação do Bem-Estar Social e Ação Social Integrada do Palácio do Governo.

Ao evento compareceram delegações de muitos estados brasileiros e os mais renomados profissionais no campo da Gerontologia Social.

Além de conferências, mesas redondas e painéis de trabalhos científicos, foram ministrados cinco cursos relacionados à formação técnica em Gerontologia Social.

As principais conclusões e recomendações do Fórum foram condensadas no documento intitulado "Carta de Belém", que será comentada num próximo número desta revista.

5) O Departamento Regional do SESC no Estado do Rio de Janeiro realizou no último mês de maio mais uma Semana da Terceira Idade, reunindo delegações de idosos de diversos Centros de Atividades, em sua colônia de férias, em Bom-Clima, Petrópolis/RJ.

A programação demonstrou o alto nível técnico do trabalho que o SESC-Rio desenvolve para a população idosa daquele estado.

6) Para saber a real situação do idoso no Estado de São Paulo, realizou-se uma grande pesquisa em todo o estado. Este trabalho contou com

a participação – em convênio – da PUCAMP – Pontifícia Universidade de Campinas, da ANG – Associação Nacional de Gerontologia e do CEI – Conselho Estadual do Idoso.

A pesquisa foi feita durante o período de junho, julho e agosto, após o que os dados foram encaminhados à PUCAMP para elaboração final. Devido à especificidade que foi levada em conta para a elaboração do formulário, será possível, depois de informatizados os dados, ter conhecimento da situação do idoso no Estado de São Paulo.

Foram distribuídos 30 mil formulários que, para serem preenchidos, contaram com o trabalho voluntário e com ajuda das associações de bairro, clubes de terceira idade, sindicatos, hospitais e prefeituras, além das duas mil entidades assistenciais cadastradas e demais organismos ligados à questão da terceira idade.

7) O Conselho Estadual do Idoso mantém, desde abril do ano passado, um Centro de Orientação e Informação do Idoso que funciona na estação São Bento do Metrô. Uma média de 50 pessoas são atendidas diariamente e este trabalho tende a aumentar.

Os itens de maior interesse estão relacionados a informações sobre questões trabalhistas, aos problemas de saúde e previdência social.

A receptividade a esta iniciativa levou o Conselho a ampliar este serviço em outros pontos, afim de facilitar o acesso das pessoas interessadas e que residem nos mais diferentes recantos da cidade. Desta forma, outra unidade de atendimento já está em funcionamento desde novembro último, na sala nº G4, em uma área não paga do Terminal Santo André/Leste, cedida pela Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos – EMTU/SP.

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

PRESIDENTE

Abram Szajman

Membros Efetivos

Aldo Minchillo
Augusto da Silva Saraiva
Chafic Wady Farhat
Fileto de Oliveira e Silva Netto
Isaac Naspitz
Jorge Gabriel
José Santino de Lira Filho
Juljan Dieter Czapski
Laerte Horta
Manuel Henrique Farias Ramos
Orlando Rodrigues
Paulo Fernandes Lucânia
Pedro Labate
Rui Vieira

Membros Suplentes

Airton Salvador Pellegrino
Amadeu Castanheira
Fernando Soranz
Israel Guinsburg
Ivo Dall'Acqua Júnior
João Pereira Góes
Jorge Sarhan Salomão
José Rocha Clemente
Luciano Figliolia
Mauro Mendes Garcia
Nerino Soldera
Oswaldo Guarnieri de Lara
Valter Giugno Abruzzi
Wallace Garroux Sampaio

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

REPRESENTANTES JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Membros Efetivos

Abram Szajman
Aurélio Mendes de Oliveira
Raul Cocito

Membros Suplentes

Manoel José Vieira de Moraes
Olivier Mauro Viteli Carvalho
Sebastião Paulino da Costa

Levar a todos mais lazer,
mais amigos: um desafio permanente,
um trabalho realizado a cada dia,
todos os dias.

